

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Departamento de Psicologia

Centro de Educação e Ciências Humanas

Licenciatura em Educação Especial

Lorena de Aro Soares

“A relação das famílias com a LIBRAS: opiniões de familiares de surdos sobre o processo de aquisição de LIBRAS”

São Carlos

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Departamento de Psicologia

Centro de Educação e Ciências Humanas

Licenciatura em Educação Especial

Lorena de Aro Soares

Trabalho de Conclusão de Curso

“A relação das famílias com a LIBRAS: opiniões de familiares de surdos sobre o processo de aquisição de LIBRAS”

Orientadora: Cristina Broglia Feitosa de Lacerda

Co-Orientadora: Mariana de Lima Isaac Leandro Campos

“Bem-vindo à Holanda”

Por Emily Perl Kinsley

Ter um bebê deficiente é como planejar uma fabulosa viagem de férias para a ITÁLIA. Você compra montes de guias e faz planos maravilhosos! O Coliseu, o Davi de Michelângelo, as gôndolas em Veneza. Você pode até aprender algumas frases em italiano. É tudo muito excitante.

Após meses de antecipação, finalmente chega o grande dia! Você arruma as malas e embarca. Algumas horas depois, você aterrissa. O comissário de bordo chega e diz: BEM-VINDO À HOLANDA!

Holanda?! Diz você. O que quer dizer com Holanda? Eu escolhi a Itália! Eu devia ter chegado à Itália! Toda a minha vida eu quis conhecer a Itália!

Mas houve uma mudança no plano de vôo. Eles aterrissaram na Holanda, e é lá que você deve ficar.

O mais importante é que eles não levaram você para um lugar horrível e desagradável, com sujeira, fome e doenças. É apenas um lugar diferente... Você precisa sair e comprar outros guias. Deve aprender uma nova língua. E irá encontrar pessoas que jamais imaginara.

É mais baixo e menos ensolarado que a Itália. Mas, após alguns minutos, você pode respirar fundo e olhar ao redor. Começa a notar que a Holanda tem moinhos de vento, tulipas, Rembrandts e até Van Goghs.

Mas todos que você conhece estão ocupados indo e vindo da Itália, comentando a temporada maravilhosa que passaram lá. E por toda a sua vida você dirá: Sim, era onde eu deveria estar. Era tudo que eu havia planejado. A dor que isso causa nunca, nunca irá embora. Porque a perda desse sonho é uma perda extremamente significativa.

Porém, se você passar a vida toda remoendo o fato de não ter chegado à Itália, nunca estará livre para apreciar as coisas belas e muito especiais existentes na HOLANDA!

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus, que durante toda a caminhada, me deu forças para continuar.

Aos meus pais, Sônia e Luiz, que são o meu porto seguro e que não mediram esforços para me dar essa oportunidade. Obrigada por todo amor, carinho e dedicação ao longo da minha vida.

A minha irmã Tina, e ao meu cunhado Gabriel, por toda atenção e paciência nos meus momentos de dúvidas e insegurança.

A minha orientadora, Cristina Lacerda e a minha co-orientadora, Mariana Campos, por compartilharem comigo seus conhecimentos e experiências, sem os quais eu não teria finalizado este trabalho.

As famílias que disponibilizaram seu tempo e contribuíram para que este trabalho pudesse ser realizado.

Finalmente, quero agradecer a todos os amigos que me apoiaram e estiveram ao meu lado me dando motivos para continuar.

Muito obrigada a todos que acreditaram em mim!

## RESUMO

A presente pesquisa tem o intuito de analisar como os pais de crianças surdas veem seu processo de aprendizagem de LIBRAS. A aprendizagem de LIBRAS pelas famílias de crianças surdas é fundamental para que uma relação de comunicação efetiva possa se dar no contexto familiar visando o desenvolvimento de linguagem e cognitivo dessas crianças.

Dessa forma, foram realizadas entrevistas com famílias que frequentaram um curso de LIBRAS oferecido gratuitamente por uma Associação de Surdos localizada numa cidade no interior do estado de São Paulo. Tais entrevistas foram transcritas e analisadas, possibilitando a estruturação dos tópicos que indicam a opinião das famílias sobre a LIBRAS, qual o objetivo delas ao fazer o curso, quais as dificuldades encontradas, e quais mudanças foram notadas após 1 (um) ano frequentando o curso.

Os professores que ministraram o curso também foram entrevistados, com o objetivo de se obter mais informações sobre o processo de aprendizagem da LIBRAS como segunda língua. Essa entrevista permitiu uma análise sob outro ponto de vista, nesse caso, daqueles que ensinavam. Nessa entrevista foram destacados pontos como o desempenho das famílias, o nível de desistência e interesse pelo curso, a metodologia utilizada durante as aulas e a melhora perceptível no que diz respeito à comunicação entre pais e filho (a) surdo. Com os resultados obtidos, espera-se ter indícios de quais são as dificuldades, vantagens/desvantagens encontradas pelas famílias durante um curso de formação de LIBRAS, possibilitar a formulação de cursos de formação/ensino de LIBRAS mais adequados para pessoas surdas e suas respectivas famílias, como também contribuir com futuras pesquisas que abordam temas relacionados a LIBRAS e a surdez.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1 – Breve Histórico.....</b>	<b>9</b>
1.1 Aspectos culturais e identitários do sujeito surdo.....	10
1.2 Família e criança surda.....	13
1.3 LIBRAS como primeira língua.....	16
<b>CAPÍTULO 2 – Metodologia do Estudo.....</b>	<b>18</b>
2.1 Perfil dos participantes.....	20
2.2 Sobre a entrevista.....	21
<b>CAPÍTULO 3 – Análise dos dados.....</b>	<b>23</b>
3.1 A opinião dos familiares sobre a LIBRAS.....	23
3.2 Objetivos das famílias ao fazer libras.....	24
3.3 Dificuldades encontradas no decorrer do curso.....	25
3.4 O que mudou depois do curso.....	26
3.5 Opinião das famílias sobre dar continuidade ou não ao curso.....	28
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>33</b>
<b>ANEXO I Questionário para delineamento do perfil das famílias.....</b>	<b>35</b>
<b>II Roteiro da entrevista com as famílias.....</b>	<b>37</b>
<b>III Roteiro da entrevista com os professores.....</b>	<b>38</b>
<b>IV Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICE I Entrevistas com as famílias A,B,C,D.....</b>	<b>43</b>
<b>II Entrevista com os professores.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>60</b>

## INTRODUÇÃO

Pode-se afirmar que a chegada de um filho é um dos momentos mais esperados pela maioria das famílias, e que estas são grandes responsáveis pelo bom desenvolvimento dessas crianças.

Entretanto, a chegada de um filho deficiente, neste caso, surdo, traz consigo várias mudanças no que diz respeito aos planos e à rotina familiar. Aspectos emocionais também se tornam vulneráveis, quando se entende que é preciso aceitar a surdez para poder progredir, e que mudar a direção é necessário.

É comum que as famílias se preocupem quanto à aceitação da sociedade frente à surdez, a independência do filho surdo, e, o mais importante, busquem uma forma de comunicação eficiente, neste caso, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), que se torne uma ponte tanto para sua relação familiar quanto para sua interação social.

Quando se fala nessa comunicação, é primordial que, inicialmente, esta seja adquirida pela família e pelo filho surdo e, em seguida, compartilhada com as demais pessoas que fazem parte do cotidiano do sujeito surdo.

Baseada nas informações acima, a pesquisadora pretende investigar a relação das famílias com a LIBRAS, a partir da participação dessas famílias em um curso de LIBRAS que é oferecido gratuitamente por uma Associação de Surdos que fica localizada em uma cidade no interior do estado de São Paulo.

Sendo assim, a pesquisa tem o intuito de analisar como as famílias percebem seu processo de aprendizagem de LIBRAS como segunda língua no contexto de um curso de formação/ensino de LIBRAS para familiares de pessoas surdas, qual o perfil das famílias que compõem o curso, qual o objetivo destas em fazê-lo, a opinião destas sobre o curso, analisar a opinião de familiares sobre o processo de aquisição de LIBRAS, vantagens/desvantagens do mesmo e, finalmente, o parecer dos professores que ministraram o curso sobre o desempenho das famílias no decorrer do mesmo.

Com os resultados obtidos, tem-se como objetivo ter indícios de quais são as dificuldades, vantagens/desvantagens encontradas pelas famílias durante um curso de formação de LIBRAS, possibilitar a formulação de cursos de formação/ensino de LIBRAS

mais adequados para pessoas surdas e suas respectivas famílias, como também contribuir com futuras pesquisas que abordam temas relacionados a LIBRAS e a surdez.

Sendo assim, para que se fale sobre esse processo de aquisição de LIBRAS de familiares de sujeitos surdos, o capítulo 1 trará uma breve introdução sobre essa língua, o que é, aspectos culturais e identitários dos surdos, LIBRAS como primeira língua e a relação entre família/surdez.

## CAPÍTULO 1

### BREVE HISTÓRICO

Para falar de LIBRAS, Quadros, citado por Dizeu e Caporali (2005, p. 589) destaca que:

“Tal língua surge pelos mesmos ideais, as necessidades naturais e específicas dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e ações. Dessa forma, a língua de sinais constitui-se da necessidade de os surdos se comunicarem e participarem como parte integrante do seu meio, uma vez que apresentam dificuldades na aquisição da língua oral. Esta língua apresenta em sua estrutura sistemas abstratos, regras gramaticais e complexidades linguísticas, como também expressões metafóricas. Quadros ressalta ainda que a língua de sinais se apresenta tão complexa e expressiva quanto à língua oral. Esta língua, como todas as outras, estabelece características próprias, de acordo com a nacionalidade e até mesmo a regionalidade”.

Outro aspecto importante é o fato de tal língua não ser universal, ou seja, cada país possui sua própria língua de sinais, que sofre constantemente, influências da cultura nacional. Um exemplo disso são suas expressões ou regionalismos, que diferem de região para região, e que a definem ainda mais como língua.

O que a diferencia das demais línguas orais é a sua modalidade visual-espacial, ou seja, a comunicação em LIBRAS é feita por meio de sinais, que são formados pela combinação de forma e de movimento das mãos, e do local onde esses sinais são feitos, no espaço ou no corpo.

Segundo Gesser (2009), tais sinais, são constituídos pelos seguintes parâmetros:

1. Configuração de mão: diz respeito à forma da mão – os sinais “desculpar” e “idade”, por exemplo, são formados pela mesma configuração de mão, no caso, a letra Y.
2. Orientação: é a direção para qual a palma da mão aponta na realização de um sinal – no caso do sinal “conhecer”, a palma da mão fica voltada para o lado esquerdo do corpo.
3. Locação: refere-se ao lugar onde o sinal se realiza – o sinal “esquecer”, por exemplo, é feito na testa.
4. Movimento: este parâmetro pode ou não estar presente nos sinais – o sinal “aprender” necessita de movimento para sua realização, já o sinal “banheiro”, não.

Segala (2010, p. 21), afirma que:

A visão social considera o surdo como um coitadinho que precisa de ajuda e acredita que os surdos possuem capacidades limitadas, por isso, são dependentes e precisam de escolas caritativas, que ajudem em todos os aspectos da vida escolar e social, pois, já que possuem falhas na audição, têm dificuldades de acompanhar e entender o raciocínio dos ouvintes. Há, portanto, uma crença de que o modelo de pessoa ouvinte é o ideal e de que os surdos precisam fazer tudo para ficar igual aos ouvintes, ou seja, o surdo deve se adaptar ao modelo de mundo ouvinte. Então, a sociedade tenta adaptar os surdos ao mundo dos ouvintes. A Língua de Sinais é considerada apenas como um recurso e/ou apoio.

Assim, na realidade, é primordial que a LIBRAS seja ensinada como primeira língua, e somente depois da aquisição desta é que se ensina a língua oral/escrita da sociedade ouvinte.

Porém, de acordo com Caporali, Lacerda e Marques (2005), para que uma língua seja adquirida é preciso que faça sentido para o sujeito ao ser ensinada, isto é, é fundamental que o usuário sinta prazer em usá-la, tornando-se primordial que este sujeito faça parte de um ambiente que use funcionalmente essa língua, pois só se adquire uma língua por intermédio da sua interação com o meio.

### **1.1 Aspectos culturais e identitários do sujeito surdo**

Quando se fala em cultura, é fundamental, inicialmente, pensar que esta não se trata de algo uniforme, homogêneo. A palavra cultura traz um peso em seu significado, peso que se adquire ao longo da vida, vivenciando e compartilhando histórias, crenças, costumes, aspectos trazidos e levados de geração para geração, e que necessitam, por si só, serem respeitados e compreendidos.

No caso da surdez, Segala (2010, p. 16) afirma que:

Abordar, definir e discorrer sobre Cultura Surda é bastante complexo. Em primeiro lugar, devemos entender um pouco o que é Cultura e quais são seus conceitos. Porém, a palavra cultura por si só já é bastante complexa, já que embute o significado de várias teorias, vivências e significâncias diferentes.

O site [www.significados.com.br/cultura/](http://www.significados.com.br/cultura/), traz a seguinte definição para o termo cultura:

Cultura é todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo homem não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade como membro dela que é. Cultura também é definida em ciências sociais como um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais, aprendidos de geração em geração através da vida em sociedade. Seria a herança social da humanidade ou ainda de forma específica, uma determinada variante da herança social. A principal característica da cultura é o mecanismo adaptativo que é a capacidade, que os indivíduos têm de responder ao meio de acordo com mudança de hábitos, mais até que possivelmente uma evolução biológica. A cultura é também um mecanismo cumulativo porque as modificações trazidas por uma geração passam

à geração seguinte, onde vai se transformando perdendo e incorporando outros aspectos procurando assim melhorar a vivência das novas gerações.

Para Strobel (2008, p. 60) a cultura surda é “a experiência trocada com seu semelhante quer seja na escola, nas associações de surdos ou encontros informais, com isto origina a identificação de um povo distinto caracterizado por compartilhar língua de sinais, valores culturais, hábitos e modos de socialização”.

Sendo assim, ainda de acordo com Strobel (2008, p. 65) “a cultura surda compreende a língua de sinais, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo”.

No que diz respeito à identidade surda, Dizeu e Caporali (2005, p. 593) ressaltam que:

Para que o surdo possa reconhecer sua identidade surda é importante que ele estabeleça o contato com a comunidade surda, para que realize sua identificação com a cultura, os costumes, a língua e, principalmente, a diferença de sua condição. Por intermédio das relações sociais, o sujeito tem possibilidade de aceção e representação de si próprio e do mundo, definindo suas características e seu comportamento diante dessas vivências sociais.

Caporali, Lacerda e Marques (2005, p. 4) completam que:

Inicialmente, a criança surda, filha de pais ouvintes, se identifica como integrante da comunidade ouvinte, no entanto, a partir do contato com a comunidade surda esta visão pode ser modificada, favorecendo que ela se perceba como é efetivamente.

Diz-se que a LIBRAS é a língua natural dos surdos porque é adquirida de forma espontânea, sem que seja necessário um treinamento específico.

Na sociedade em que vivemos, a língua oral impera nas relações, isso faz com que seus integrantes ouvintes neguem-se a se adequar a outros meios de comunicação, como no caso, a LIBRAS, por exemplo, que acaba sendo considerada inferior quando comparada à língua oral. Muitos ainda a consideram apenas como uma alternativa utilizada por aqueles que não conseguiram desenvolver a língua oral.

Assim, é possível afirmar que tal sociedade ainda não está preparada para receber o indivíduo surdo, pois não lhe oferece condições e oportunidades para que se desenvolva plenamente.

Isso nos mostra que a verdadeira limitação está nas condições oferecidas ao sujeito surdo, e não em seus aspectos cognitivos e/ou afetivos.

Em relação à família, Caporali, Lacerda e Marques (2005, p. 4) afirmam que:

Muitos pais, principalmente aqueles que ainda estão enraizados em uma visão que só valoriza a oralização, têm o desejo de transformar o filho surdo em um ouvinte.

Devido a esse desejo, vários deles, ficam distantes da comunidade surda, restringindo os contatos da criança com surdos de mesma idade e com surdos adultos, o que vem a dificultar a formação de uma identidade surda pela criança.

Em consequência disso, o sujeito surdo acaba não tendo a oportunidade de inserção na sociedade, muitas vezes não é compreendido, e sim, “silenciado pelo ouvinte”.

Sendo assim, é fundamental que as diferenças com relação à comunicação entre surdos e ouvintes sejam aceitas e respeitadas. Só assim, estes poderão se comunicar entre si e realizar uma troca benéfica de experiências e saberes e ainda expressar seus sentimentos e ideias de maneira que todos entendam.

Dizeu e Caporali (2005) registraram que é a partir do momento em que se adquire uma língua, que a criança passa a construir sua subjetividade, pois assim, ela terá recursos para sua inserção no processo dialógico das pessoas que partilham de seu cotidiano, trocando sentimentos, ideias, compreendendo o que se passa em seu meio e adquirindo novas concepções de mundo. No caso de crianças surdas, filhas de pais ouvintes, esse processo não é tão simples, pois não acontece naturalmente, já que as formas linguísticas utilizadas nas interações mãe-criança não são facilmente adquiridas por essas crianças. Assim, o processo de aquisição da língua não será igual ao de crianças ouvintes, pois não é natural.

Tal contato e aquisição da língua natural, é fundamental para o processo de formação educacional, cultural, social e o mais importante, processo de formação de identidade dessa criança surda. Outro aspecto importante é o uso da LIBRAS na escola.

Gesueli (2006, p. 287-288) ressalta que:

Garantir o uso da LIBRAS no contexto escolar parece primordial para que haja reconhecimento da surdez, pois é por intermédio da linguagem que significamos o mundo e conseqüentemente nos significamos. (...) Essas reflexões e o contato com a comunidade surda me levam a afirmar a importância da língua de sinais na constituição da identidade surda e no trabalho educacional, na certeza de que esse trabalho só terá frutos se contar com a participação do professor surdo fluente nessa língua. O professor ouvinte, desde que fluente na língua de sinais, muito poderá também contribuir para esse processo. Ainda assim, (...) vale reafirmar que a presença do professor surdo contribui expressivamente para que as crianças adquiram a língua de sinais e passem a identificar-se com este sujeito que apresenta um papel de destaque na sala de aula. Esta convivência possibilita não só o reconhecimento da identidade surda, mas a identificação política e social com essa comunidade, pois é preciso trazer para a sala de aula a história da comunidade surda, de suas lutas e vitórias.

Quando se fala em aproximar a criança surda o mais rápido possível de seus pares e sua língua, quer dizer que até os três primeiros anos de vida é primordial que essa

aproximação seja feita, porque só assim essa língua será adquirida naturalmente. Entretanto, na realidade em que vivemos a detecção da surdez nem sempre é feita até o primeiro ano de vida, tornando-se tardia, assim como a aquisição de LIBRAS.

Mas, mesmo com a detecção tardia, é importante que os profissionais informem os familiares da criança surda sobre todas as diferentes possibilidades de trabalho no que diz respeito à surdez. O trabalho fonoaudiológico, o implante coclear e principalmente o significado da LIBRAS para essas crianças, quanto ao seu desenvolvimento geral e o quanto esta pode contribuir para uma dinâmica familiar de maior interação.

Por fim, Gesueli (2006) conclui que, para um sujeito surdo, assumir sua identidade é ainda um processo muito complexo, pois isso significa assumir sua própria condição de surdez, trazendo isso para a vida real, passando a fazer da parte de uma minoria que ainda, infelizmente, é muito discriminado.

## **1.2 Família e criança surda**

Dessen e Polonia (2007) definem que família é a primeira mediadora entre o homem e a cultura, constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, cognitivo e social que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a fonte da aprendizagem humana, com significados e costumes próprios que geram modelos de relação interpessoal e de construções futuras, tanto no âmbito individual como no coletivo.

Pode-se dizer que a família é como uma base, um porto seguro para o crescimento e bom desenvolvimento da criança, isso começa desde o momento do nascimento, até que a criança alcance determinada autonomia que lhe permita segurança ao realizar suas tarefas sozinha. Porém, mesmo depois disso, a família continua responsável por continuar promovendo essa autonomia e ainda propiciar momentos de aprendizagem, educação, cuidados com a saúde e interação com o meio.

Ainda de acordo com Dessen e Polonia (2007, p. 24):

A família também é a responsável pela transmissão de valores culturais de uma geração para outra. Essa transmissão de conhecimentos e significados possibilita o compartilhar de regras, valores, sonhos, perspectivas e padrões de relacionamentos, bem como a valorização do potencial dos seus membros e de suas habilidades em acumular, ampliar e diversificar as experiências.

Para Negrelli e Marcon, (2006), a família não é responsável somente por amparar física, emocional e socialmente os seus membros, mas também esclarecer o que é melhor ou pior para seu crescimento e desenvolvimento, proporcionando qualidade de vida aos mesmos.

No caso de uma família com filho(s) surdo(s), acrescenta-se a isto a tarefa da promoção da aprendizagem de outra língua que não o português, mas a LIBRAS.

É fundamental destacarmos a ideia de Quadros (2000), citado por Negrelli e Marcon (2006, p. 99), esclarece que:

A deficiência não é um problema da pessoas que a tem, mas sim de quem a vê. Isto é de suma importância, pois a problemática que envolve esses indivíduos está intimamente relacionada com o preconceito e a aceitação dessa condição.

Partindo do pressuposto de que a comunicação exerce papel fundamental para a vida e o desenvolvimento de qualquer indivíduo, a presente pesquisa pretende analisar as opiniões de familiares de surdos quanto ao processo de aquisição de LIBRAS, portanto, analisar pontos de vista diferentes, dificuldades/facilidades e vantagens/desvantagens de tal aquisição.

Negrelli e Marcon (2006) afirmam que é no contexto familiar que se inicia a sociedade, e por meio de trocas os indivíduos organizam conceitos e buscam a maturidade. Dessa forma, as maneiras de educar se tornam inúmeras. Diz respeito à um processo que vai do começo ao fim da vida, onde a família é considerada, a principal responsável pela formação do caráter de uma pessoa.

Dessa forma, nota-se então a importância da família na aprendizagem, na formação de personalidade e auto-imagem e na relação do indivíduo com a sociedade.

É por meio da comunicação que o ser humano se integra, participa, convive e se socializa. Nesse processo, a família aparece como grande responsável, pois é nela que se inicia a formação social de um ser humano. Para isso acontecer, é necessário o estabelecimento de um canal de linguagem comum. (...) A participação da família na comunicação do surdo, por meio dos sinais, possibilitará a esse indivíduo a interação com o mundo e tornará o convívio mais agradável e feliz. Igualmente, essa língua vai proporcionar a vivência de uma realidade bilíngüe das relações culturais, institucionais e sociais. **NEGRELLI e MARCON (2006, p. 103).**

Sendo assim, podemos afirmar que ao estabelecer uma comunicação concreta e eficiente, por meio da LIBRAS, o indivíduo surdo adquire qualidade no que diz respeito a comunicação e a interação familiar e social.

Entretanto, este não é um processo somente de sucesso, pois as famílias encontram muitas dificuldades para aceitar a deficiência. Essa é uma descoberta confusa, que em muitos casos é negada, provocando a busca tardia por um atendimento adequado, fazendo com que o desenvolvimento da criança seja prejudicado.

De acordo com Silva, Zanolli e Pereira (2008), é provável que o diagnóstico da surdez seja um fato extremamente doloroso e complexo para os pais, gerando sentimentos de tristeza, ansiedade e insegurança diante do desconhecimento das consequências futuras relacionadas à surdez. Outro aspecto que merece destaque é o fato de a grande maioria dos pais de criança surda ser ouvintes, e, por isso, desconhecem completamente as repercussões dessa deficiência.

As famílias reagem de maneira parecida ao receberem o diagnóstico, entretanto, com expectativas diferentes em relação às possibilidades do filho (a) surdo.

É comum, de acordo com Negrelli e Marcon (2006) o sentimento de despreparo de grande parte das famílias para lidarem com a surdez, o pouco interesse para aprenderem e utilizarem a LIBRAS com o filho, deixando de praticá-la, e, conseqüentemente, tornando-a uma comunicação de baixa qualidade. Os mesmos autores afirmam ainda que a falta do conhecimento de LIBRAS é o que causa dificuldade no relacionamento, acarretando uma série de condições prejudiciais ao seu desenvolvimento do filho surdo, entre eles o isolamento, a agressividade, o distanciamento, e o progresso intelectual prejudicado.

Receber um membro com alguma deficiência traz mudanças no interior da família, como alterações nas relações familiares. Os primeiros momentos da descoberta da deficiência podem ser considerados traumáticos, quando a família se vê obrigada a mudar os planos de modo a encontrar estratégias para enfrentar a nova situação imposta pela deficiência do filho. Dentre tais mudanças, a maior e mais impactante é a mudança nos meios de comunicação entre os membros da família.

Dizeu e Caporali (2005, p. 590-591) registraram que:

Infelizmente, os pais ainda sofrem por causa desse obstáculo existente na sua relação com o filho surdo, conseqüência do direcionamento oral, clínico e educacional inserido na vida da criança surda. Se os pais recebessem orientações adequadas quanto à importância da LIBRAS para o desenvolvimento da criança, sobre as possibilidades que essa língua oferece para a criança se comunicar com eles de forma clara, contar-lhes sobre suas brincadeiras, aprender seus ensinamentos e adquirir conhecimento, com certeza seriam poupados de transtornos e prejuízos, e principalmente dos problemas emocionais a que estes são submetidos.

Segundo Almeida (1993), as famílias passam por algumas fases antes da aceitação da deficiência. Dentre elas está a fase de negociação, ou seja, um tipo de compensação onde os pais tentam encontrar maneiras para melhores condições de vida de seu filho com deficiência.

Passando esta fase, podem aparecer outras como a raiva, a depressão e por fim, a aceitação. Raiva, por exemplo, pela falta dos resultados esperados. Depressão pela dificuldade em se adaptar a tal condição. E finalmente, a aceitação, que ocorre quando os pais estão conscientes da deficiência do filho.

Finalmente, Dizeu e Caporali (2005) concluem que quando a família aceita a surdez e, conseqüentemente a LIBRAS como uma modalidade comunicativa fundamental e passa a utilizá-la com a criança, esta começa a apresentar condição para realizar novas aquisições, impulsionando seu desenvolvimento linguístico e cognitivo. A família, então, têm papel determinante para o estabelecimento da LIBRAS como língua funcional no discurso da criança surda no início vida.

### **1.3 LIBRAS como primeira língua**

O bilinguismo possibilita ao surdo adquirir/aprender a língua que faz parte da comunidade surda. O trabalho bilíngue educacional respeita as particularidades da criança surda, estabelecendo suas capacidades como meio para essa criança realizar seu aprendizado. Esta proposta também oferece o acesso à língua oral e aos conhecimentos sistematizados, priorizando que a educação deve ser construída a partir de uma primeira língua, a de sinais, para em seguida ocorrer a aquisição da segunda língua, o português (oral e/ou escrito). DIZEU e CAPORALI (2005).

A necessidade de criação de propostas educacionais que atendam às especificidades dos sujeitos surdos é decorrente das dificuldades acarretadas pelas questões de linguagem, pois os surdos se encontram em defasagem no que diz respeito à escolarização, sem o adequado desenvolvimento e com um conhecimento inapropriado para sua idade. Sendo assim, tais propostas têm o objetivo de favorecer o desenvolvimento efetivo das capacidades desses sujeitos (LACERDA, 2006).

É fundamental que a escola e os profissionais que nela trabalham, pensem e respeitem a condição do aluno surdo. Elaborando estratégias de ensino que atendam suas

especificidades, possibilitando assim, a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo do mesmo.

Lacerda e Lodi (2009) afirmam que existem trabalhos que defendem a implantação de uma educação bilíngue para surdos, que afirmam que estes sujeitos devem interagir com interlocutores usuários de língua de sinais o mais cedo possível, tendo a LIBRAS como uma língua passível de ser desenvolvida sem que sejam necessárias condições especiais de aprendizagem.

Inserir o aluno na escola regular que tenha adotado uma proposta bilíngue é a oportunidade que o sujeito surdo tem de utilizar as duas línguas, de sinais e portuguesa como recurso para seu processo de conhecimento e entendimento do mundo.

Lacerda e Lodi (2009, p. 15) afirmam ainda que:

Quando se opta pela inserção do aluno surdo na escola regular, esta precisa ser feita com cuidados que visem garantir sua possibilidade de acesso aos conhecimentos que estão sendo trabalhados, além do respeito por sua condição lingüística e, portanto, de seu modo peculiar de ser no mundo. Isso não parece fácil de ser alcançado e em geral, vários desses aspectos não são contemplados nas experiências inclusivas em desenvolvimento, pois a criança surda, com frequência, não é atendida em sua condição sociolingüística especial, não são feitas alterações metodológicas que leve em conta a surdez, e o currículo não é repensado, culminando em um desajuste socioeducacional.

Para amenizar tais problemas, surgem propostas de apoio como a presença de intérpretes de língua de sinais.

Contudo, segundo Lacerda (2006), apenas a presença do intérprete em sala de aula não garante que uma educação de qualidade seja atingida, uma vez que o preparo do professor e dos demais profissionais que trabalham com a surdez no ambiente escolar; um conhecimento, mesmo que mínimo de LIBRAS; a presença de um surdo adulto que sirva como referência identitária; o cuidado com as adaptações metodológicas e curriculares e o contato com outros alunos são fundamentais para o desenvolvimento acadêmico, afetivo e social das crianças surdas incluídas na escola regular.

O próximo capítulo trará informações sobre a metodologia escolhida para a realização da coleta de dados e de que maneira essa coleta foi feita, pontuando aspectos como o lugar em que a pesquisa foi realizada e quem eram os sujeitos participantes.

## CAPÍTULO 2

### METODOLOGIA DO ESTUDO

Para que fosse possível realizar a pesquisa, um pré-projeto foi elaborado, e, em seguida, analisado e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, protocolo número 0367.0.135.000-11.

A metodologia da pesquisa é baseada em entrevistas que permitam análises e reflexões no que diz respeito ao processo de aquisição de LIBRAS por familiares de surdos.

Foram entrevistadas famílias no contexto de um curso de formação/ensino de LIBRAS oferecido gratuitamente por uma Associação de Surdos, que, como citado anteriormente, fica localizada numa cidade no interior do estado de São Paulo.

A iniciativa do curso foi tomada por uma fonoaudióloga que pensava em levar famílias com filhos surdos para a Associação de Surdos, na intenção de que estes tivessem a oportunidade de conhecer/aprimorar a LIBRAS e ter contato com outros surdos, principalmente no que diz respeito a relação criança surda/adulto surdo e sua formação de identidade, tendo esse adulto como referência.

Dessa forma, iniciou-se um curso de LIBRAS para familiares de surdos. O mesmo era oferecido gratuitamente e acontecia aos sábados, das 15:00 horas as 17:00 horas.

Os professores que ministraram o curso eram surdos, e isso influenciou na aprendizagem, de maneira a incentivar os alunos a se esforçarem para estabelecer uma comunicação funcional, não só em casa como também antes, durante e após as aulas e também nos momentos de integração e confraternização que a Associação promovia.

A princípio, o curso teria duração de um semestre, porém, o interesse da algumas famílias fez com que o curso prosseguisse. Ao fim desta pesquisa, o curso havia completado 1 (um) ano de duração.

Foi escolhida a entrevista estruturada com o objetivo de proporcionar abertura suficiente para os entrevistados, caso estes quisessem falar além da resposta, relatar experiências, fase da vida, sucessos e fracassos ou qualquer acontecimento que considerassem pertinente expor.

Para manter sigilo quanto à identidade dos entrevistados, como estava descrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a pesquisadora optou por utilizar nomes fictícios quando se trata dos entrevistados.

Gil (1999) afirma que se pode definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Foram notadas, como as principais vantagens da entrevista estruturada, a rapidez, o fato desta não exigir exaustiva preparação do pesquisador e nem do sujeito participante, e ainda, possibilitar a análise dos dados de forma quantitativa, neste caso.

Ainda segundo Gil (1999), a entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social, é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano e os dados obtidos são suscetíveis de classificação e quantificação.

Como parte da metodologia, foi escolhido também, o uso de um questionário que seria preenchido também pelas famílias com o objetivo de delineamento do perfil dos pais e seus filhos surdos. O referido questionário se encontra anexado ao final da pesquisa, como anexo I.

De acordo com o Minidicionário da Língua Portuguesa, Melhoramentos (1992), perfil significa “relato em que se salientam os traços característicos de uma pessoa”.

No que diz respeito ao questionário, Gil (1999, p. 128) afirma que pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.

Foram notadas vantagens no uso do questionário, como a não exposição dos entrevistados à influência das opiniões e aspectos pessoais do pesquisador, e a possibilidade que os entrevistados têm de responder ao questionário no momento em que julgarem conveniente.

Dessa forma, a pesquisadora optou pelo uso do questionário para coletar dados em relação ao perfil dos pais e de seus filhos e pelo uso da entrevista para coletar informações sobre a opinião dos familiares em relação ao curso de LIBRAS.

Sendo assim, primeiramente as famílias preencheram o questionário respondendo questões sobre seu perfil e de seus filhos.

## 2.1 Perfil dos participantes

Com base no questionário citado acima, foi possível delinear o perfil dos familiares participantes deste estudo. Desse modo foram feitas duas tabelas. Seguem abaixo, as tabelas 1 e 2, referente ao perfil dos pais e de seus filhos.

**Tabela 1**

Participantes (pais/mães)	Idade	Estado Civil	Mora perto da Associação	Já teve contato com surdo adulto antes do curso	Já fez outro curso de LIBRAS
Fernanda	38 anos	Casada	Não	Não	Não
Wagner	35 anos	Casado	Não	Não	Não
Diego	33 anos	Solteiro	Sim	Não	Sim
Alessandra	37 anos	Casada	Não	Sim	Não
Marcos	40 anos	Casado	Não	Não	Não

Observando a tabela acima, é perceptível que o curso era frequentado por pais e mães com faixa etária que variam entre 30 e 40 anos. Dentre todos os participantes, apenas uma mãe teve contato com surdo antes do curso, porém, não se pode deixar de enfatizar aqui, que o contato com o sujeito surdo é muito rico no que diz respeito à formulação de ideias e concepções sobre a surdez, tanto para essa mãe que já teve contato anterior quanto para os pais que tiveram o curso como o primeiro contato. É importante ressaltar aqui também, o esforço desses pais em frequentar o curso, sendo que apenas um pai mora perto da Associação, ou seja, a dedicação e o esforço ao se deslocar de suas casas para assistir às aulas é um fator que também merece destaque.

**Tabela 2**

A tabela a seguir diz respeito ao perfil dos filhos.

Participantes (Filhos)	Idade	Nasceu surdo	Frequenta Fonoaudióloga	Sabe LIBRAS	Usa implante coclear ou aparelho auditivo	É oralizado	Faz leitura orofacial	Frequenta rede regular e/ou Instituição Especializada
Felipe	10	Sim	Sim	Está aprendendo	Não	Não	Não	Rede Regular

Clara	8	Sim	Sim	Sim	Implante Coclear	Sim	Não	Rede Regular
Caio	6	Sim	Sim	Está aprendendo	Implante Coclear	Está sendo	Sim	Rede Regular
Bruno	7	Não	Sim	Está aprendendo	Implante Coclear	Está sendo	Sim	Rede Regular

Analisando a tabela acima, é possível notar que as crianças surdas, filhas dos pais que participaram da pesquisa, tratam-se de crianças pequenas, com faixa etária que varia entre 7 e 10 anos. A maioria já utiliza implante coclear, no entanto, também buscam a LIBRAS como forma de comunicação funcional, porém, sem deixar a oralização.

## 2.2 Sobre a entrevista

Na sequência a aplicação do questionário, foi feita uma entrevista com as famílias. Entrevista esta que continha questões sobre o curso de LIBRAS. As perguntas eram feitas oralmente pela pesquisadora e, em seguida respondida pelos familiares. A pesquisadora utilizou um gravador para registrar as entrevistas que foram transcritas em seguida.

Para finalizar, foi realizada uma entrevista com os professores que ministraram o curso. Tal entrevista trazia questões sobre o desempenho das famílias no decorrer do mesmo.

É importante ressaltar que o fato de os professores serem surdos, fez com que a pesquisadora optasse pela gravação da entrevista com câmera filmadora, para que em seguida fosse possível transcrevê-la.

Para a autorização e realização da pesquisa, a pesquisadora foi até a Associação, apresentou sua pesquisa e objetivos para todos que ali estavam envolvidos na pesquisa, neste caso, gestão, famílias e professores. Teve a autorização de ambos para iniciar a coleta de dados. Em seguida, conversou com os sujeitos da pesquisa, combinando dia e horário para as entrevistas de acordo com a disponibilidade de cada um.

Foram necessários cinco encontros para a realização da pesquisa.

Três destes no primeiro semestre do ano de 2012 e os outros dois no segundo semestre do mesmo ano.

O primeiro encontro foi o contato inicial que a pesquisadora teve com a Associação. Foi fundamental para que conhecesse o ambiente onde era ministrado o curso, o local da pesquisa e os sujeitos que seriam pesquisados.

No segundo encontro, a pesquisadora apresentou sua proposta à gestão, familiares e professores, expôs objetivo e intenções e esclareceu dúvidas.

No terceiro encontro, a pesquisadora se apresentou à Associação com a autorização que seria assinada pelo presidente, e os termos de consentimento livre e esclarecido que seriam assinados pelos familiares e professores que aceitassem participar da pesquisa. Neste mesmo encontro a pesquisadora conseguiu realizar entrevista e aplicação do questionário com três famílias.

Tais procedimentos foram realizados em seguida ao término da aula, ou seja, as 17:00 horas no mesmo local onde havia ocorrido a aula em uma sala composta por carteiras e lousa. Ambiente propício onde pesquisadora e sujeitos de pesquisa puderam se acomodar de forma confortável e descontraída.

As entrevistas foram realizadas com apenas uma família de cada vez, medida tomada com o intuito de evitar qualquer tipo de constrangimento ou quebra de sigilo das informações que estavam sendo cedidas.

É válido esclarecer que no início, apenas duas famílias se recusaram a participar da pesquisa, porém, por motivos como timidez, receio e falta de tempo outras famílias acabaram por desistir na última hora ou não compareceram no dia e horário combinado.

O quarto encontro aconteceu no segundo semestre do ano de 2012, quando foi realizada a entrevista com os professores. A entrevista foi feita às 13:30 horas de um sábado, antes do início da aula. Como dito acima a entrevista foi registrada com câmera filmadora.

O quinto encontro, que também aconteceu no segundo semestre do ano de 2012, teve como objetivo finalizar a coleta de dados, fazendo a última entrevista com as famílias.

As duas entrevistas citadas acima também foram realizadas dentro da Associação, na sala onde eram ministradas as aulas.

## Capítulo 3

### ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi feita com base nas respostas dos entrevistados. Assim foi feito um levantamento das respostas para que fosse possível atingir o objetivo da presente pesquisa, que é analisar a opinião de familiares sobre o processo de aprendizagem de LIBRAS, vantagens/desvantagens e dificuldades encontradas no decorrer do mesmo, e fazer uma comparação entre o que essas respostas tinham de contraditório ou comum.

Para isso, foram estruturadas categorias, que dizem respeito aos assuntos que tiveram mais destaque durante as entrevistas com os familiares.

#### 3.1 A opinião dos familiares sobre a LIBRAS

Essa categoria se refere à opinião das famílias sobre a Língua Brasileira de Sinais. Como as famílias são todas ouvintes, não fazem parte da comunidade surda. Então, foi no contato com a LIBRAS, dentro ou fora do curso aqui mencionado, e vendo a necessidade da mesma para se comunicar com o filho, que estas famílias adquiriram motivação para aprender essa língua.

Vale ressaltar aqui, como afirmam Lacerda, Caporali e Lodi (2004) que a aquisição de uma segunda língua envolve processos complexos, já que a linguagem é constitutiva do sujeito, ou seja, é aspecto fundamental do modo de agir do mesmo.

Ainda assim, foi possível notar, que as respostas de todas as famílias entrevistadas foram positivas quando foi feita a pergunta “O que vocês acham da LIBRAS?”,

Obtivemos as seguintes respostas do casal Alessandra e Marcos:

*Alessandra: Eu, até pouco tempo, não queria nem ouvir falar, não queria aprender, não queria deixar o Bruno aprender... Só que como o Bruno demorou muito pra soltar a fala, os médicos falaram que deveria entrar com a LIBRAS pra ver se a fala vinha. Aí eu acabei concordando porque ele já era mocinho e não falava nada, absolutamente nada. E com a LIBRAS ele começou a falar “mamãe”, “papai”, foi depois da LIBRAS.*

*Aí tá, ele começou a fazer no colégio, e as coisas que ele ia aprendendo ele ia passando pra gente, entendeu? Mas mesmo assim eu falei: “Ah eu não quero fazer curso!” Porque eu nunca senti vontade mesmo de fazer um curso de LIBRAS. Até que começou esse aqui aí a G falou: “Faz, faz!”, aí nós começamos fazer.*

*Assim, devido ao progresso que ele tá tendo, agora eu tô achando muito bacana, porque foi daí que ele começou realmente a falar, ele tá falando bem mais agora!*

Em seguida, o pai respondeu:

*Marcos: Ah, o curso de LIBRAS é importante né, porque inclusive, a gente aprende aqui e aprende com a criança também. Inclusive, eu tô aprendendo mais com ele em casa do que aqui no curso. Aqui eu tô tendo um pouco de dificuldade aqui porque não tem um intérprete. Então tá meio difícil, mas realmente é muito bom, entendeu?*

Outro dois pais, um com um filho surdo e outro com uma filha surda, também responderam positivamente:

*Diego: Acho que é o meio mais fácil de comunicar com a pessoa surda.*

*Wagner: Ah, acho muito bom! É a melhor maneira de conversar com as pessoas surdas. Minha filha é surda né, então eu acho que é importante. E também no contato com outros surdos.*

Para finalizar, a última mãe entrevistada também respondeu de forma a concordar com a necessidade de aprender LIBRAS:

*Fernanda: Eu achei muito bom porque deixou meu filho calmo é a forma mais fácil do surdo aprender. Pra mim é muito bom, mudou bastante a minha vida em comunicação com meu filho.*

De acordo com a primeira resposta descrita acima, é notável a resistência que pode ser encontrada quando o assunto é LIBRAS. No caso dessa mãe, a LIBRAS se tornou aceitável somente ao perceber que isso abriria portas para sua comunicação com seu filho, dessa forma, foi mudando de ideia, e, mesmo que aos poucos se conscientizou da necessidade da LIBRAS na comunicação com o filho surdo. Outro fator que merece destaque, ainda tendo como base a primeira resposta, é que a maioria dos pais busca a LIBRAS por dificuldades e necessidade de se comunicar com o filho, e não porque acham que é bom. Porém, na maioria das vezes, conseguem ver bons resultados durante esse percurso, o que os motiva a continuar.

### **3.2 Objetivos das famílias ao fazer LIBRAS**

Essa categoria diz respeito ao objetivo que as famílias almejavam quando iniciaram o curso de LIBRAS. Observou-se que o que mais angustiava os pais não era a surdez, e sim as dificuldades na comunicação acarretadas pela deficiência.

É de suma importância que as famílias busquem as melhores condições para o bom desenvolvimento do filho surdo, pois, como afirmam Dizeu e Caporali (2005) quando a

criança não recebe o devido suporte familiar, pode apresentar, na maioria das vezes, resultados insatisfatórios no que se refere ao desenvolvimento de comunicação e linguagem, e isso pode afetá-la emocionalmente. A família é a base da criança, e se esta base não estiver firme, pode trazer consequências negativas como comportamentos agressivos e frustrações.

No momento em que foi feita a pergunta “Qual o seu objetivo em fazer um curso de LIBRAS?”, obtivemos as seguintes respostas:

*Alessandra: Ah, foi realmente me comunicar melhor com ele, com a questão da fala.*

*Diego: Ah, é poder me comunicar melhor com meu filho que é surdo e com outros surdos também né!*

*Wagner: É conseguir aprender o máximo possível pra conversar com a minha filha e ensinar minha família também, porque eles não chegaram aqui né, por exemplo, minha mãe, meu pai, minhas irmãs.*

*Fernanda: Melhorar a minha comunicação com meu filho.*

Analisando as respostas acima, podemos afirmar que todos os pais procuraram o curso com a principal meta de se comunicar com o filho surdo. Ainda que a LIBRAS fosse algo relativamente desconhecido para alguns, se mostrou como um caminho viável, onde a comunicação teria avanços notáveis e eficazes.

### **3.3 Dificuldades encontradas no decorrer do curso**

Essa categoria traz informações sobre quais as principais dificuldades que as famílias encontraram no decorrer do curso, juntamente com isso, vantagens e desvantagens que estas consideraram pertinente destacar.

Quando se fala em dificuldades, é fundamental dar ênfase também, no que motiva os indivíduos a continuarem apesar das barreiras com que se deparam.

Gómez ,(1999) citado por Lacerda, Caporali e Lodi (2004, p. 57), aponta três fatores básicos que se referem à motivação. O primeiro é o interesse (resposta positiva que desperta e mantém a curiosidade do aluno); relevância (é o requisito prévio para uma motivação contínua, o aluno consegue perceber que aquilo que lhe está sendo apresentado é importante para suas necessidades pessoais); e expectativa (aqueles que acreditam ser capazes de realizar as diversas atividades de forma correta estarão mais motivados do que aqueles que consideram que fracassarão na sua realização; também estão mais motivados aqueles que atribuem ao seu próprio esforço o sucesso ou fracasso da sua aprendizagem).

Sendo assim, as respostas para a pergunta “Quais dificuldades encontrou no decorrer do curso?”, foram as seguintes:

*Alessandra: Olha, minha grande dificuldade, como eu conversei com a pedagoga dele essa semana, minto, não foi com a pedagoga, foi com, lá no colégio com as professoras dele. Eu falei pra elas que no meu modo de ver teria que ter alguém intérprete aqui, por exemplo, a Denise com intérprete ou a Marina com um intérprete. Porque elas vão falando, falando, falando, falando e a gente é leigo de tudo, a gente fica perdido. Aí chega uma hora que elas põe um pra conversa com o outro, e a gente fica olhando um pra cara do outro porque ele não entendeu e eu também não entendi, entendeu? Aí eu acho assim, se elas fossem fazendo né e a pessoa do lado falando o que que elas estavam falando, por exemplo, sinal de primos daí faz assim (Alessandra faz o sinal de primo) daí ia falar é primos que ela tá falando, pra gente ir memorizando. Porque só ir falando, falando... Depois ele escreve no quadro, mas eu, no meu modo de pensar, teria que ter um intérprete. Só que elas me explicaram essa semana que não, o curso de LIBRAS não pode ter intérprete, a gente tem que aprender tudo assim, com LIBRAS mesmo... Ah não sei, eu acho difícil, eu acho muito difícil... É, porque tem sinais que é quase iguaizinhos, tem uns que até são igual mas quer dizer outra coisa, aí confunde a cabeça...*

*Marcos: Eu acho que, que nem no meu caso, eu não tinha nem noção do que que era, e é complicado né? Então foi mais tenso né... É muita coisa, muito detalhe. Quer dizer, um gesto que a gente faz errado pode até comprometer alguma coisa né.*

*Diego: Ah, a dificuldade maior é que são muitos sinais e às vezes a gente esquece. E quando um surdo vai fazer os sinais pra você que é muito rápido, então se ele não fizer devagar, muita coisa você acaba perdendo, acaba não entendendo. Porque tem coisas que você já sabe o sinal, mas pela velocidade você não pega.*

*Wagner: A rapidez, às vezes eu não consigo pegar os sinais. Só a rapidez mesmo.*

*Fernanda: A minha única dificuldade foi um acidente de trânsito que eu tive né... Mas do curso em si, assim, do jeito que eles ensinam, eu achei muito bom. Eles são bem preocupados em passar a informação correta de uma maneira que todos possam pegar.*

As dificuldades apresentadas nessa categoria são das mais diversas, como a ausência de um intérprete, o que dificultava a compreensão das famílias que por muitas vezes encontraram dificuldades em entender o que estava sendo explicado pelos professores, porém, esse era o caminho que colocava os pais em contato intenso com a LIBRAS.

A quantidade de sinais a ser aprendida, a rapidez e até mesmo um acidente envolvendo uma das mães, também foram fatores destacados como dificuldades no decorrer do curso, entretanto, podemos afirmar baseando-se nos relatos dos pais, que estes persistiram em frequentar o curso, motivados pela necessidade de melhora na comunicação com os filhos, independentemente das barreiras que encontraram.

### **3.4 O que mudou depois do curso**

Essa categoria se refere às mudanças que as famílias consideraram importante destacar depois de estarem frequentando o curso há um ano.

Se desde o início, no momento do diagnóstico, os pais recebessem orientações adequadas quanto à importância da LIBRAS para o desenvolvimento da criança, sobre as possibilidades que essa língua oferece para a criança se comunicar com eles de forma clara, contar-lhes sobre suas brincadeiras, aprender seus ensinamentos e adquirir conhecimento, com certeza seriam poupados dessa criança e de seus pais transtornos e prejuízos, e principalmente os problemas emocionais a que estes estão submetidos. (DIZEU e CAPORALI 2005, p. 591).

Baseando-se nas respostas a seguir, é perceptível as dificuldades que as famílias encontraram/encontram para se comunicar com os filhos surdos, vem daí a necessidade de aprender LIBRAS.

Quando a pesquisadora perguntou “Mudou alguma coisa para você aprender LIBRAS?”, obteve as seguintes respostas:

*Alessandra: É, nós não podemos dizer que nós já sabemos LIBRAS... a gente tá sabendo uma coisinha ou outra mas já mudou sim, já mudou porque a gente tá entendendo mais ele e ele entendendo mais a gente... A conversa tá sendo mais construtiva em casa depois que começamos a aprender alguma coisa.*

*Marcos: É muito importante... É muito importante porque antes da LIBRAS, quando acontecia alguma coisa na escola ou na rua ele queria conversa com a gente, então ele fazia muita mímica e a gente ficava até perdido também, porque a gente queria decifrar e não conseguia e ele ficava muito nervoso... Porque ele queria falar o fato e a gente não entendia...*

Em seguida, Alessandra ainda completa:

*Alessandra: Ele ficava tão nervoso... Tinha dia que eu chorava, me trancava no banheiro e chorava por ver o tanto que ele ficava nervoso porque ele tentava falar e a gente não tava entendendo. Aí eu falava pra ele (Marcos), isso acaba comigo porque ele quer contar e a gente não tá entendendo. Igual o dia né amor (Marcos), que ele queria comer... Ele queria comer macarrão... macarrão com salsicha! Gente, ele falava, ele falava e eu pensava (Meu Deus, o que que é?), eu falava, Marcos, o que que é que esse menino quer... Aí o bichinho foi lá, pegou um caderno, desenhou um prato, desenhou um monte de macarrãozinho, aí ele fez uma salsicha, picou, e a fumacinha saindo. Ah nesse dia eu chorei tanto! Falei pro Marcos, era macarrão que ele queria... Corri na mesma hora e fui fazer o macarrão pra ele!! Mas como que ele ficou nervoso, querendo pedir macarrão com salsicha...*

*Diego: Sim, principalmente na comunicação com meu filho que tá melhorando cada vez mais, mais e mais. Conforme nós vamos aprendendo, porque ele também tá em fase de aprendizagem, vai melhorando a comunicação e um vai ajudando o outro. Eu faço os sinais que ele não conhece, ele faz os sinais que eu não conheço.*

Wagner: *Sim, com certeza! A minha comunicação com minha filha melhorou praticamente 100%!*

Fernanda: *Muita... muita! Melhorou bastante a minha comunicação com meu filho!*

Baseando-se nas respostas, são perceptíveis as dificuldades que as famílias encontraram para se comunicar com os filhos surdos. A tensão familiar e o fato de os pais não conseguirem interferir, no sentido de auxiliar o filho em suas dificuldades são exemplos do que essas famílias vivenciaram. Porém, apesar de estarem em processo de aprendizagem de LIBRAS, todas as famílias conseguiram relatar, como mudança, melhora na comunicação com o filho.

### **3.5 Opinião das famílias sobre dar continuidade ou não ao curso**

Esta última categoria diz respeito ao que as famílias pensam sobre a possibilidade de dar continuidade ao curso de LIBRAS.

É importante que as famílias deem continuidade no curso, mantendo contato com outros surdos. De acordo com Caporali, Lacerda e Marques (2005) esse contato visa uma maior interação dessa criança com a comunidade surda e simultaneamente proporciona mais segurança para a família, pois com os encontros semanais essas famílias podem sanar dúvidas e questões que surgem no cotidiano. Dessa maneira, a aquisição da LIBRAS se torna mais fácil tanto para a criança quanto para seus pais.

A pergunta foi: “Se fosse possível, você continuaria a estudar LIBRAS?”, e as repostas obtidas estão descritas abaixo.

Alessandra: *Sim, com certeza!*

Marcos: *Sim, porque melhorou muito a nossa comunicação com ele. É lógico que a gente tem muita dificuldade ainda, é que nem eu falei, é muita coisa, muito detalhe. Mas hoje quando a gente fala alguma coisa ele já “mata” quase na hora, vamos dizer assim. A gente também, demora um pouquinho mas a gente já sabe o que ele tá pedindo, o que ele tá querendo falar... Então a gente melhorou, ajudou bastante!*

Em seguida, Alessandra finaliza:

Alessandra: *É igual ele faz no colégio dele, lá dá merenda e dá sempre uma fruta de sobremesa, só que ele não come fruta nenhuma, não existe nenhuma que ele come, mas ele pega todo dia duas e ele traz todo dia duas, que é uma pra mim e uma pro pai. Aí quando ele vem, vem na mochila, aí chega em casa ele pergunta pra mim qual é, se é maçã, se é banana, se é laranja pra eu falar qual que é! E quando o pai*

*dele chega de noite do serviço a dele tá guardada também, aí o pai dele vai e fala errado, ele cai na risada e insiste até o pai falar certo! Então é muito legal mesmo!*

*Diego: Claro! Na verdade eu tô esperando ser chamado novamente pro curso que eu tava, a minha professora de lá, que inclusive é surda também, disse que no ano que vem vai voltar. Mas eu vou continuar aqui e lá. Não vou parar aqui pra ficar só lá, então eu vou cursar nos dois lugares.*

*Wagner: Continuaria. Aqui ou em outro lugar. Mas as vezes é complicado o horário porque de sábado eu trabalho né mas esse horário que foi colocado ficou até legal. Mas seria melhor se fosse a noite porque de dia eu trabalho né.*

*Fernanda: Sim! Por causa da minha comunicação com meu filho, sem a LIBRAS é muito difícil.*

De acordo com os relatos acima, é perceptível a mudança que a LIBRAS proporcionou na convivência das famílias com seus filhos, a consciência dessas famílias quanto à importância de aprender LIBRAS e o quanto essas passaram a reconhecer que essa língua interfere positivamente na relação família/filho surdo.

Após analisar as entrevistas feitas com os familiares, a pesquisadora destacou e analisou os principais trechos da entrevista feita com os professores, para que fosse possível complementar as informações que se referem ao processo de aquisição de LIBRAS desses familiares.

Tais trechos nos dão notícias sobre a opinião dos professores quanto ao seu próprio desempenho e dos alunos, didática e metodologia utilizada no curso, desistências, o que pode ser melhorado para o próximo ano e diálogos que os professores tinham com os familiares quanto às dificuldades em frequentar um curso que era ministrado aos sábados.

Quanto ao desempenho dos professores, a pesquisadora destacou a resposta de um dos professores que melhor define o que os professores pensam a esse respeito.

*Augusto: Durante todo o tempo do curso e até hoje eu percebi que teve uma falha dos professores por causa da metodologia que usamos. As famílias têm diferentes níveis de alfabetização... Algumas sabem ler, outras não! Precisamos usar mais imagens. Também tem a troca de professores com diferentes materiais e diferentes modos de ensinar. Por exemplo, eu desenho, ela (Denise) usa LIBRAS direto, ele (Ailton) usa o português direto. A família ouvinte fica confusa, às vezes não consegue entender e pode desistir. É importante que todos os professores usem o mesmo método e material para todos. Por exemplo, tem o livro LIBRAS em Contexto do MEC, ele é padrão no Brasil. Se os professores usassem o mesmo livro não teria problema, mas isso não acontece, cada professor trabalha individualmente e eu percebi que isso é um problema aqui na associação. Quando eu vou embora não estou satisfeito pois falta conteúdo, isso é porque não tem troca sobre a metodologia entre os professores, só isso.*

Nota-se neste trecho, a dificuldade que os professores encontraram em atuar em conjunto. A falta de tempo, e de comunicação entre eles, fez com que houvesse desencontros

quanto à metodologia utilizada e isso foi considerado um problema entre eles, pois a aprendizagem dos alunos acabou sendo um tanto quanto prejudicada.

A seguir, temos a fala de outra professora que dá destaque à questão da metodologia, mas também enfatiza dificuldades encontradas na relação com alunos, como a falta de conhecimento relacionado às particularidades de cada um.

*Marina: Eu percebi que foi difícil no começo, porque as famílias ficavam cochichando entre si, demonstrando que não estavam entendendo e que estavam tendo dificuldades em acompanhar as aulas. Depois de dois meses de curso foram melhorando na comunicação. Um dia eu mudei a aula, colocando o diálogo em prática com eles, discutindo sobre a vida das pessoas surdas, discutindo sobre filmes, televisão, escola, vida em LIBRAS, etc. Três alunos compreendiam muito bem o diálogo, sem dificuldades, mas os outros não. Precisavam de repetição e muita soletração para acompanhar. Um dia eu fiquei assustada ao descobrir que uma aluna era analfabeta, aí tive que mudar a estratégia da aula usando desenhos, mímicas, brincadeiras... Mas eu me senti mal porque acostumei com as famílias que sabem ler, com alunos que sabem ler nas faculdades que eu trabalho.*

Após esse comentário feito pela professora Marina, todos os professores concordaram que seria necessária uma espécie de entrevista com as famílias, antes de as mesmas iniciarem o curso. Entrevistas que poderiam conter perguntas quanto ao nível de alfabetização e qual o conhecimento de LIBRAS que estas famílias possuem.

O desempenho das famílias também foi destacado durante a entrevista, numa das respostas de um dos professores. A falta de tempo, o cansaço, e a resistência das famílias em utilizar a LIBRAS foi considerada como aspecto que influencia no processo de aprendizagem de LIBRAS tanto das famílias quanto de seus filhos surdos. Notamos isso no seguinte comentário:

*Denise: quando eu pergunto aos pais por que eles faltam das aulas, eles respondem que é por causa do tempo, que ficam cansados de andar de ônibus, as vezes tá chovendo, e também porque já estão cansados de levar o filho em vários lugares durante a semana, como na fonoaudióloga, na aula LIBRAS, no AEE (português) e na escola. Uma mãe disse que às vezes seu marido viaja e ela fica sozinha em casa, sem carro, sem companhia pra ir junto. Mas eles falam, “gosto muito do curso, acho muito importante, sei que preciso aprender para me comunicar com meu filho surdo”. Então, a família já sabe que precisa, mas o filho não sabe muita LIBRAS porque não comunica em LIBRAS quando está em casa aí esquece. Isso acontece porque eles ficam tentando falar no lugar de usar LIBRAS. Por exemplo, hoje a gente dá aula de LIBRAS, na semana que vem as famílias já esqueceram. Por isso é importante o uso da LIBRAS nas aulas e em casa, como os ouvintes que usam a fala 24 horas por dia. Mas ao invés disso o filho surdo fica parado, a família fica parada, ambos sem usar LIBRAS, esse é problema...*

Outro professor enfatiza o fato de as famílias resistirem ao curso e inicialmente se sentirem “forçadas” a aprender LIBRAS, primeiramente pela necessidade de melhorar a comunicação do filho e em seguida porque o curso estava sendo oferecido gratuitamente pela

associação e no mesmo horário em que os filhos frequentam a associação. Podemos observar isso na seguinte fala:

*Augusto: Eu percebi que quando a associação passou a oferecer curso de LIBRAS para crianças surdas, as famílias passaram a trazer os filhos e souberam que também precisavam fazer o curso, acabaram se sentindo um pouco inibidos e pensando: “ eu pensei que era só pra trazer meu filho no curso... mas, eu também preciso fazer o curso??” O horário das aulas é igual para filhos e família, assim algumas famílias aceitam porque se sentem obrigadas, outras aceitam por interesse e também porque eles tem dificuldades de pagar outros cursos, e aqui na associação é grátis. Então eu percebi que aceitam porque é grátis. Se fosse ao contrário ninguém viria aqui. São poucos os que têm interesse e paciência de vir aqui fazer o curso. A maioria vai embora cedo e faltam muito.*

Na entrevista, a pesquisadora pergunta se as famílias relataram mudanças na comunicação com o filho depois de iniciarem o curso. A maioria das respostas obtidas foi positiva. Segue abaixo a observação de uma das professoras entrevistadas que fala sobre uma mãe que relatou melhora na comunicação e ainda se esforça para melhorá-la.

*Denise: Uma mãe me falou que ficou feliz porque facilitou a comunicação. Por exemplo, o filho dela fazia um sinal que ela não conhecia, ela guardava o sinal para me perguntar aqui na aula, ela sempre fazia isso. Sempre tirei as dúvidas dela sobre sinais desconhecidos.*

A pesquisadora também questiona qual a opinião dos professores em relação às famílias darem continuidade no curso. Todos os entrevistados concordam que para o sucesso na comunicação entre pais ouvintes e filho surdo, é fundamental que essas famílias nunca sessem a busca pela aprendizagem da LIBRAS. Quando a pesquisadora perguntou se os professores achavam necessário que as famílias continuassem o curso, obteve a seguinte resposta:

*Ailton: Precisam sim! Penso que é importante uma reunião dos professores junto com as famílias para mudança de metodologia, melhorar a aula, dar mais teoria também. Poie eles podem trocar ideias, dialogar e conversar para aprender e não somente ficar sentados aprendendo LIBRAS.*

Ainda dentro dessa mesma questão, uma das professoras comenta sobre a possibilidade de melhora das condições do curso para o futuro. A seguir, temos o trecho em que ela fala de novos planos e propostas.

*Marina: Eu conversei com o presidente da associação sobre o orçamento da verba para organizar melhor o curso no ano que vem. Poder oferecer excursões de turismo, passeios com filhos surdos e família ouvinte juntos. Poder ir a um museu, parque, bosque, supermercado, teatro, circo entre outros, para que eles possam aprender sinais em contexto com o lugar, a vida no dia-a-dia e assim tentar estratégias para melhorar a comunicação entre eles. Promover um trabalho em conjunto com professores, famílias e filhos surdos...*

Ao final da entrevista, todos concordaram com a necessidade de repensar estratégias, métodos e condições de ensino, visando sempre a promoção e o sucesso das famílias durante o processo de aquisição de LIBRAS. A professora Marina finalizou a entrevista dizendo que essas propostas foram expostas também para as famílias, com o intuito de compartilhar e trocar ideias com todos os interessados na melhora do curso oferecido na associação.

## CONCLUSÃO

Ao final da pesquisa, após analisar as entrevistas e nos apoiar-mos num embasamento teórico que serviu de suporte para o estudo, podemos concluir o quanto é primordial que as famílias de sujeitos surdos busquem aprender LIBRAS, e de preferência, o mais cedo possível.

Além da busca pela aprendizagem, é fundamental que esses familiares se apropriem dessa língua, quanto à sua origem e funcionalidade. Outra questão de grande importância é o conhecimento que os familiares de surdos têm no que diz respeito à surdez e seus componentes como a comunidade, cultura e identidade surda. Componentes estes que precisam ser compreendidos e respeitados.

Ainda sobre as famílias, é possível afirmar o quanto o acesso à informação sobre a surdez e a LIBRAS ainda é escasso. Sabemos que muitas dúvidas e preocupações fazem parte da vida de famílias com filho surdo, e essas informações são necessárias, assim como o incentivo e apoio para que essas famílias aceitem e consigam conviver com a surdez de maneira natural.

Em relação ao curso, podemos concluir que o mesmo, como afirmam os professores, ainda precisa de “reparos” quanto à metodologia, e as famílias, infelizmente ainda encontram inúmeras barreiras que perpassam esse processo de aquisição de uma segunda língua, neste caso, a LIBRAS. Porém, não podemos deixar de citar a importância da iniciativa conjunta entre associação e professores, a disposição e o compromisso de todos em oferecer um curso de qualidade.

Para finalizar, podemos enfatizar a importância de novos estudos e pesquisas na área da surdez, juntamente com a busca de conhecimento por cursos já existentes. Só assim podemos aprimorar cada vez mais as oportunidades dos familiares de surdos aprenderem LIBRAS, de formas cada vez melhores e eficazes, fazendo com que a comunicação entre o surdo e o mundo se aperfeiçoe e se torne possível a cada dia.

## **ANEXOS**

**I Questionário para delineamento do perfil das famílias**

**II Roteiro da entrevista com as famílias**

**III Roteiro da entrevista com os professores**

**IV Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

## ANEXO I

Sobre os pais

Nome:

Idade:

Gênero:

Grau de escolaridade:

Profissão:

1- Qual o seu estado civil?

casado

solteiro

desquitado

separado

viúvo

outros

2- Quantos filhos você têm?

---

3- No momento está trabalhando? Se sim, quantas horas por dia você está no trabalho?

---

4- Como você chega até a Associação? Leva em média quanto tempo?

---

5- Como foi fazer o curso de LIBRAS aos sábados?

bom

ruim

6- Têm outras pessoas surdas na família? Se sim, quem?

---

Sobre os filhos

1- Seu filho (a) nasceu surdo?

sim

não

2- Qual a idade dele (a)?

---

3- Qual o grau de escolaridade dele (a)?

---

4- Assinale as alternativas que correspondem à realidade de seu filho:

Sabe LIBRAS

Recebe acompanhamento. Exemplo: fonoaudióloga

Têm implante coclear

É oralizado

Faz leitura orofacial

Está matriculado na rede regular de ensino

Está matriculado numa instituição especializada

Sabe ler e escrever?

## **ANEXO II**

- 1- O que vocês acham da LIBRAS?
- 2- Já teve contato com algum adulto surdo além dos professores do curso? Se sim, como foi esse contato?
- 3- Já fez algum curso de LIBRAS antes desse? Se sim, como era? Teve aproximadamente quantas horas de duração?
- 4- Qual o seu objetivo em fazer um curso de LIBRAS?
- 5- Considera importante aprender LIBRAS?
- 6- Quais dificuldades encontrou no decorrer do curso?
- 7- Mudou alguma coisa para você saber LIBRAS?
- 8- O que achou do curso?
- 9- Se fosse possível continuaria a estudar LIBRAS? Por quê?

### **ANEXO III**

- 1- Como vocês descrevem as atitudes das famílias em relação a LIBRAS?
- 2- Houve alguma desistência do curso?
- 3- Sentiram que as famílias freqüentavam o curso por interesse ou por obrigação (por exemplo, a pressão de não conseguir se comunicar com o filho)?
- 4- Qual é o sentimento de vocês agora que o curso acabou? Achem que as famílias saíram do curso com condições para se comunicar em LIBRAS?
- 5- Houve alguma família que ingressou no curso com desinteresse e no decorrer do curso passou a se dedicar mais (por exemplo, não faltar)? Ou alguma família que ingressou no curso interessada e no decorrer do curso passou a desanimar (por exemplo, faltar excessivamente)?
- 6- Alguma família chegou a relatar mudança no relacionamento com o filho surdo depois do início do curso? Cite exemplos.
- 7- Vocês acham que estas famílias deveriam continuar fazendo curso de LIBRAS?

## **ANEXO IV**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

**Departamento de Psicologia**

**Curso de Licenciatura em Educação Especial**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Vimos por meio deste convidar-lhe a participar da pesquisa intitulada: “A RELAÇÃO DAS FAMÍLIAS COM A LIBRAS: OPINIÕES DE FAMILIARES DE SURDOS SOBRE O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LIBRAS”, desenvolvida pela acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Especial Lorena de Aro Soares, sob orientação da Professora Responsável Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, da Universidade Federal de São Carlos.

Esta pesquisa tem por objetivo investigar como é a relação das famílias com a LIBRAS, e como se dá o processo de aquisição de LIBRAS por essas famílias.

Para alcançar tais objetivos apresentados, este estudo adota a metodologia de entrevista semi-estruturada, realizada por meios, horários e locais de acordo com a conveniência. Tais contribuições, de acordo com princípios éticos e morais que norteiam essa pesquisa, serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Ainda, com o intuito de diminuir os riscos e desconfortos provocados pela análise ou metodologia escolhida, esclarece-se que os dados cedidos a esta pesquisa serão resguardados e utilizados de maneira ética; haverá garantia de esclarecimentos prévios e posteriores a qualquer momento (os dados como endereço e telefone encontram-se ao final do Termo); não haverá ressarcimento decorrente da participação nesta pesquisa; e que os envolvidos poderão desistir de participar da investigação por motivos variados, sem prejuízos para a relação do participante com o pesquisador ou com a instituição. Para tal, será entregue pelo pesquisador

uma cópia deste termo para cada sujeito participante, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal para possíveis dúvidas sobre a pesquisa.

---

Responsável pelo Estudo

Prof<sup>a</sup> Cristina Broglia Feitosa de Lacerda

Telefone: (19) 9133 3030

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu  
\_\_\_\_\_, estou de acordo em participar desta pesquisa.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de dezembro de 2011

---

Assinatura do sujeito de pesquisa

---

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: [cephumanos@power.ufscar.br](mailto:cephumanos@power.ufscar.br)

## **APÊNDICE**

**I Entrevistas com as famílias A,B,C,D**

**II Entrevista com os professores**

## APÊNDICE I

### Entrevista A

Pesquisadora (P): Bom, vamos começar... O que vocês acham da LIBRAS?

Mãe (A): Eu, até pouco tempo, não queria nem ouvir falar, não queria aprender, não queria deixar o B aprender... Só que como o B demorou muito pra soltar a fala, os médicos falaram que deveria entrar com a LIBRAS pra ver se a fala vinha. Aí eu acabei concordando porque ele já era mocinho e não falava nada, absolutamente nada. E com a LIBRAS ele começou a falar “mamãe”, “papai”, foi depois da LIBRAS.

Aí tá, ele começou a fazer no colégio, a fazer com a G lá no hospital, e as coisas que ele ia aprendendo ele ia passando pra gente, entendeu? Mas mesmo assim eu falei: “Ah eu não quero fazer curso!” Porque eu nunca senti vontade mesmo de fazer um curso de LIBRAS. Até que começou esse aqui aí a G falou: “Faz, faz!”, aí nós começamos fazer.

Assim, devido ao progresso que ele tá tendo, agora eu tô achando muito bacana, porque foi daí que ele começou realmente a falar, ele tá falando bem mais agora.

(P) pergunta para o pai (M): Você gostaria de falar alguma coisa?

(M): Ah, o curso de LIBRAS é importante né, porque inclusive, a gente aprende aqui e aprende com a criança também. Inclusive, eu tô aprendendo mais com ele em casa do que aqui no curso. Aqui eu tô tendo um pouco de dificuldade aqui porque não tem um intérprete. Então tá meio difícil, mas realmente é muito bom, entendeu?

(P): Sim. Vocês já tiveram contato com algum surdo além dos professores aqui do curso?

(A): Eu já tive, eu já tive lá no colégio do B mesmo né, porque lá tem mais surdos, inclusive lá tem a professora M que é surda e que fala muito bem por sinal, porque até então eu nem sabia, fiquei um bom tempo sem saber que ela era surda. Eu fiquei porque ela conversava assim comigo, de igual para igual, a voz não era enrolada nem nada. Aí falaram pra mim: “Você sabia que a professora M é surda?”, daí eu falei “ Não, não é não! Ela conversa sim, ela á normal”, aí disseram: “Não, ela é surda sim, mas ela lê seus lábios. Pode prestar atenção que se ela virar de costas ela não vai te responder”. Aí que eu fui prestar atenção! Porque ela não usa aparelho. Então eu tinha já contato com ela e com outras crianças e até jovens lá do colégio do B.

(P): Entendi. E você, já teve? - pergunta ao pai (M)

(M): Não. Primeiro eu vim pro curso né, aí depois inclusive a gente começa a ter contato né, porque na escola com outras crianças e aí fica até interessante porque a gente pega assim até um carinho especial pelas crianças também né. Então eu não tinha contato não, tô tendo agora.

(P): Vocês já fizeram algum curso de LIBRAS antes desse?

(A): Não.

(M): Não, é o primeiro. Já tive até vontade de fazer né, mas também por comodismo não me interessava. Até porque minha esposa falava: “Não, a gente não vai estudar porque ele vai falar”.

(A): É, eu ficava na esperança por ele ser implantado. Só que demorou tanto pra fala dele vir, que acharam conveniente entrar com a LIBRAS pra ver se a LIBRAS ia ajudar, porque demorou muito.

(P): Quando vocês pensaram em fazer o curso, qual foi o objetivo de vocês?

(A): Ah, foi realmente se comunicar melhor com ele, com a questão da fala.

(P): Vocês consideram importante aprender LIBRAS?

(A): Hoje sim! Hoje eu considero importante porque se você me perguntasse isso à uns cinco meses atrás eu ia falar pra você que não, que eu não achava importante aprender LIBRAS. Mas agora sim, eu tô vendo o desenvolvimento dele, então agora eu acho super importante.

(M): É importante né, fazer LIBRAS, porque ele vai crescendo e vai trabalhando com mímicas né, vamos dizer assim né. Então a gente aprende, na verdade, a gente sabe o que ele tá falando pra nós por mímicas né, mas errado, totalmente errado né. Então agora com o curso de LIBRAS vamos corrigir, e ele mesmo corrigi nós!

(A): Nossa ele corrigi muito! Agora mesmo vindo na rua, a gente tava falando de manga, aí eu fiz um gesto diferente e ele (A imita como o filho fez) me mostrando como que era pra fazer com a mão, como que tem que deixar a mão... Então ele corrigi muito! Ele quer o certo, ele não quer meio termo, ele quer que a gente faça o sinal certinho!

(M): A pensa que não, mas é ele que vai ensinar... Inclusive essa semana ele me perguntou “que dia que é hoje?” aí eu fiz assim com a mão (imita o gesto) mas com os dedos tudo torto, aí ele pegou e me corrigiu.

(A): As vezes ele vai lá e pega até nossa mão, arruma nossos dedos mostrando como é!

(M): Na verdade ele é o nosso professor!

(P): Quais as dificuldades que vocês encontraram no decorrer do curso?

(A): Olha, minha grande dificuldade, como eu conversei com a pedagoga dele essa semana, minto, não foi com a pedagoga, foi com, lá no colégio com as professoras dele. Eu falei pra elas que no meu modo de ver teria que ter alguém intérprete aqui, por exemplo, a Denise com intérprete ou a Marina com um intérprete. Porque elas vão falando, falando, falando, falando e a gente é leigo de tudo, a gente fica perdido. Aí chega uma hora que elas põe um pra conversa com o outro, e a gente fica olhando um pra cara do outro porque ele não entendeu e eu também não entendi, entendeu? Aí eu acho assim, se elas fossem fazendo né e a pessoa do lado falando o que que elas estavam falando, por exemplo, sinal de primos daí faz assim (Alessandra faz o sinal de primo) daí ia falar é primos que ela tá falando, pra gente ir memorizando. Porque só ir falando, falando... Depois ele escreve no quadro, mas eu, no meu modo de pensar, teria que ter um intérprete. Só que elas me explicaram essa semana que não, o curso de LIBRAS não pode ter intérprete, a gente tem que aprender tudo assim, com LIBRAS mesmo... Ah não sei, eu acho difícil, eu acho muito difícil...

(P): E você? – pergunta para o pai (M)

(M): Eu acho que, que nem no meu caso, eu não tinha nem noção do que que era, e é complicado né? Então foi mais tenso né... É muita coisa, muito detalhe. Quer dizer, um gesto que a gente faz errado pode até comprometer alguma coisa né.

(A): É, porque tem sinais que é quase iguaizinhos, tem uns que até são igual mas quer dizer outra coisa, aí confunde a cabeça...

(P): Mudou alguma coisa pra vocês fazer LIBRAS?

(A): É, nós não podemos dizer que nós já sabemos LIBRAS... a gente tá sabendo uma coisinha ou outra mas já mudou sim, já mudou porque a gente tá entendendo mais ele e ele

entendendo mais a gente... A conversa tá sendo mais construtiva em casa depois que começamos a aprender alguma coisa.

(P): Entendi... E você, o que acha? – pergunta ao pai (M)

(M): É muito importante... É muito importante porque antes da LIBRAS, quando acontecia alguma coisa na escola ou na rua ele queria conversa com a gente, então ele fazia muita mímica e a gente ficava até perdido também, porque a gente queria decifrar e não conseguia e ele ficava muito nervoso... porque ele queria falar o fato e a gente não entendia...

(A): Ele ficava tão nervoso... Tinha dia que eu chorava, me trancava no banheiro e chorava por ver o tanto que ele ficava nervoso porque ele tentava falar e a gente não tava entendendo. Aí eu falava pra ele (M), isso acaba comigo porque ele quer contar e a gente não tá entendendo. Igual o dia né amor (M), que ele queria comer... ele queria comer macarrão... macarrão com salsicha! Gente, ele falava, ele falava e eu pensava (Meu Deus, o que que é?), eu falava (M) o que que é que esse menino quer... Aí o bichinho foi lá, pegou um caderno, desenhou um prato, desenhou um monte de macarrãozinho, aí ele fez uma salsicha, picou, e a fumacinha saindo. Ah nesse dia eu chorei tanto! Falei pro (M), era macarrão que ele queria... Corri na mesma hora e fui fazer o macarrão pra ele!! Mas como que ele ficou nervoso, querendo pedir macarrão com salsicha...

(P): Entendi... E o que vocês acharam do curso?

(A): Então, pra gente, não deu pra gente vir todo sábado porque no sábado que o filho dele (M) tá com a gente, ele é da mesma idade que o (B), então no caso tem que vim aqui com duas motos e eu tenho medo de vir pilotando pra cá por causa das grandes avenidas porque eu tirei carta a pouco tempo, aí acontecia que a gente não vinha, de quinze em quinze dias a gente não vinha, entendeu? Mas o pouco que deu pra gente pegar, foi bom. As poucas coisas que nós conseguimos associar foi muito bom.

(P): E você, gostou? – pergunta ao pai (M)

(M): Foi muito bom sim, eu gostei, tô gostando né! Isso tá sendo uma lição realmente e se continuar (o curso) pretendo né, vir direto.

(P): Que bom, era isso mesmo que eu ia perguntar agora! Se fosse possível vocês dariam continuidade no curso?

(A): Sim, com certeza!

(M): Sim, porque melhorou muito a nossa comunicação com ele. É lógico que a gente tem muita dificuldade ainda, é que nem eu falei, é muita coisa, muito detalhe. Mas hoje quando a gente fala alguma coisa ele já “mata” quase na hora, vamos dizer assim. A gente também, demora um pouquinho mas a gente já sabe o que ele tá pedindo, o que ele tá querendo falar... Então a gente melhorou, ajudou bastante!

(A): É igual ele faz no colégio dele, lá dá merenda e dá sempre uma fruta de sobremesa, só que ele não come fruta nenhuma, não existe nenhuma que ele come, mas ele pega todo dia duas e ele traz todo dia duas, que é uma pra mim e uma pro pai. Aí quando ele vem, vem na mochila, aí chega em casa ele pergunta pra mim qual é, se é maçã, se é banana, se é laranja pra eu falar qual que é! E quando o pai dele chega de noite do serviço a dele tá guardada também, aí o pai dele vai e fala errado, ele cai na risada e insiste até o pai falar certo! Então é muito legal mesmo!

(P): Que bacana! Bom eram só essas perguntinhas mesmo! Muito obrigada.

(A): De nada!

(M): De nada!

## **Entrevista B**

Pesquisadora (P): O que você acha da LIBRAS?

Pai (D): Acho que é o meio mais fácil de comunicar com a pessoa surda.

(P): Você já teve contato com algum adulto surdo antes dos professores do curso?

(D): Não.

(P): Você já fez algum curso de LIBRAS antes desse?

(D): Sim.

(P): E como foi?

(D): Foi bom também, era uma vez por semana né, e teve duração de 105 horas.

(P): E por que você resolveu fazer outro curso?

(D): Porque foi adiada a continuação do curso que eu fazia né, foi adiado pro ano que vem porque era pra ter começado o segundo módulo esse ano. Então surgiu a oportunidade aqui na Associação e eu vim fazer aqui né, pra dar continuidade. Porque é como outra língua né, se você não treinar você vai esquecendo.

(P): Qual é o seu objetivo ao fazer um curso de LIBRAS?

(D): Ah, é poder me comunicar melhor com meu filho que é surdo e com outros surdos também né!

(P): Você considera importante aprender LIBRAS?

(D): Sim, muito importante por causa do meu filho surdo. Embora ele seja implantado, a LIBRAS ajuda bastante na comunicação.

(P): Quais as dificuldades que você encontrou durante o curso?

(D): Ah, a dificuldade maior é que são muitos sinais e as vezes a gente esquece. E quando um surdo vai fazer os sinais pra você que é muito rápido, então se ele não fizer devagar, muita coisa você acaba perdendo, acaba não entendendo. Porque tem coisas que você já sabe o sinal, mas pela velocidade você não pega.

(P): Mudou alguma coisa pra você aprender LIBRAS?

(D): Sim, principalmente na comunicação com meu filho que tá melhorando cada vez mais, mais e mais. Conforme nós vamos aprendendo, porque ele também tá em fase de aprendizagem, vai melhorando a comunicação e um vai ajudando o outro. Eu faço os sinais que ele não conhece, ele faz os sinais que eu não conheço.

(P): Ele mora com você?

(D): Sim!

(P): O que você achou do curso?

(D): Muito bom! Eles são bastante dedicados, os professores.

(P): Você gostou?

(D): Sim! O ambiente é acolhedor também!

(P): E se fosse possível, você continuaria estudando LIBRAS?

(D): Claro! Na verdade eu tô esperando ser chamado novamente pro curso que eu tava, a minha professora de lá, que inclusive é surda também, disse que no ano que vem vai voltar. Mas eu vou continuar aqui e lá. Não vou parar aqui pra ficar só lá, então eu vou cursar nos dois lugares.

(P): Que bom que você vai fazer os dois! Então é isso, muito obrigada!

(D): De nada!

### **Entrevista C**

Pesquisadora (P): O que você acha da LIBRAS?

Pai (W): Ah, acho muito bom! É a melhor maneira de conversar com as pessoas surdas. Minha filha é surda né, então eu acho que é importante. E também no contato com outros surdos.

(P): Você já teve esse contato?

(W): Sim, antes do curso. Mas quando encontrava com algum surdo, eu não sabia conversar com ele, agora com o curso, se eu encontrar já sei conversar. E mudei minha concepção também né...

(P): Você já fez algum curso de LIBRAS antes desse?

(W): Já.

(P): E teve duração de quanto tempo?

(W): Uns dois ou três meses...

(P): E você gostou de fazer?

(W): Bastante!

(P): E qual é o seu objetivo ao fazer LIBRAS?

(W): É conseguir aprender o máximo possível pra conversar com a minha filha e ensinar minha família também, porque eles não chegaram aqui né, por exemplo, minha mãe, meu pai, minhas irmãs.

(P): Você considera importante aprender LIBRAS?

(W): Considero.

(P): Por que?

(W): Pra conseguir conversar né, pela comunicação com a minha filha e com outras pessoas surdas também.

(P): Entendi. E quais foram as dificuldades que você encontrou durante o curso?

(W): A rapidez, as vezes eu não consigo pegar os sinais. Só a rapidez mesmo.

(P): O que você achou do curso?

(W): Legal!

(P): Gostou?

(W): Gostei bastante!

(P): Depois de aprender LIBRAS, alguma coisa mudou na sua vida?

(W): Sim, com certeza! A minha comunicação com minha filha melhorou praticamente 100%!

(P): Se você tivesse a oportunidade, continuaria fazendo?

(W): Continuaría. Aqui ou em outro lugar. Mas as vezes é complicado o horário porque de sábado eu trabalho né mas esse horário que foi colocado ficou até legal. Mas seria melhor se fosse a noite porque de dia eu trabalho né.

(P): E vem você e sua esposa?

(W): Isso, eu e minha esposa. Mas quando não dá pra ela vir daí vem só eu.

(P): Entendi. E ela tá gostando?

(W): Tá gostando sim!

(P): Nossa que bom! Ok, terminamos. Muito obrigada!

(W): De nada!

## **Entrevista D**

Pesquisadora (P) O que você acha de LIBRAS?

Mãe (F): Eu achei muito bom porque deixou meu filho calmo é a forma mais fácil do surdo aprender. Pra mim é muito bom, mudou bastante a minha vida em comunicação com meu filho.

(P): Você já teve contato com algum adulto surdo antes dos professores aqui do curso?

(F): Não.

(P): Você já fez algum curso de LIBRAS antes desse?

(F): Não.

(P): E qual foi o seu objetivo quando você pensou em fazer esse curso aqui?

(F): Melhorar a minha comunicação com meu filho.

(P): Você considera importante aprender LIBRAS?

(F): Muito importante!

(P): E quais foram as dificuldades que você encontrou no decorrer do curso?

(F): A minha única dificuldade foi um acidente de trânsito que eu tive né... Mas do curso em si, assim, do jeito que eles ensinam, eu achei muito bom. Eles são bem preocupados em passar a informação correta de uma maneira que todos possam pegar.

(P): Você notou diferença na sua relação com seu filho depois do curso?

(F): Muita... muita! Melhorou bastante a minha comunicação com meu filho.

(P): E o que você achou do curso?

(F): Foi muito bom, eu gostei.

(P): E se fosse possível, você daria continuidade?

(F): Sim! Por causa da minha comunicação com meu filho, sem a LIBRAS é muito difícil.

## APÊNDICE II

### ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

Pesquisadora: Como vocês descrevem as atitudes das famílias em relação a LIBRAS?

Ailton: Percebi que houve melhora na LIBRAS de pais ouvintes que possuem filhos surdos, apesar da evasão de alguns pais.

Augusto: Concordo com o professor, que houve evasão do grupo. Eu dei aula pouco tempo com o professor Alexandre, quem deu mais aulas foram eles (Mariana, Daniela, Alexandre). No início o aprendizado foi melhor, mas depois permaneceu constante.

Denise: Eu aproveitei a presença dos pais lá na escola, quando iam buscar os filhos, para perguntar “por que vocês não estão indo no curso?”. Eles responderam que é por causa do tempo, que ficam cansados de andar de ônibus, as vezes tá chovendo, e também porque já estão cansados de levar o filho em vários lugares durante a semana, como na fonoaudióloga, na aula LIBRAS, no AEE (português) e na escola. Uma mãe disse que as vezes seu marido viaja e ela fica sozinha em casa, sem carro, sem companhia pra ir junto. Mas eles falaram, gosto muito do curso, acho muito importante, sei que preciso aprender para me comunicar com meu filho surdo. Então, a família já sabe que precisa mas o filho não sabe muita LIBRAS porque não comunica em LIBRAS quando está em casa aí esquece. Isso acontece porque eles ficam tentando falar no lugar de usar LIBRAS. Por exemplo, hoje a gente dá aula de LIBRAS, na semana que vem as famílias já esqueceram. Por isso é importante o uso da LIBRAS nas aulas e em casa, como os ouvintes que usam a fala 24 horas por dia. Mas ao invés disso o filho surdo fica parado, a família fica parada, ambos sem usar LIBRAS, esse é problema...

Pesquisadora: Houve alguma desistência do curso?

Ailton: Eu me lembro que no começo tinha mais ou menos umas 15 famílias isso é até bastante. Depois ficaram 2 ou 4, ou seja, desistiram 10 ou 11. O curso teve duração de um ano e as desistências começaram a acontecer ao final do primeiro semestre. Nesse mesmo período entraram alguns alunos novos, daí misturou alunos novos com antigos.

Denise: Eu vi que 3 ou 4 pessoas da família usam LIBRAS em casa com o surdo. As outras famílias não usavam e além disso pararam de vir aqui (associação).

Pesquisadora: Sentiram que as famílias frequentavam o curso por interesse ou por obrigação (por exemplo, a pressão de não conseguir se comunicar com o filho)?

Denise: Eu deixei as famílias livres, depende da vontade e do interesse de cada um. Tem até família que não sabe ler, então eu ensino alegre, brinco, eles gostam de brincar. Cada um tem seu interesse.

Ailton: Eu percebi que há a existência de dois grupos, um vem por interesse próprio e outro por obrigação porque trazem os filhos pro curso de LIBRAS.

Augusto: Eu percebi que quando a associação passou a oferecer curso de LIBRAS para crianças surdas as famílias passaram a trazer os filhos e souberam que também precisavam fazer o curso, acabaram se sentindo um pouco inibidos e pensando: “ eu pensei que era só pra trazer meu filho no curso... mas, eu também preciso fazer o curso??” O horário das aulas é igual para filhos e família, assim algumas famílias aceitam porque se sentem obrigadas, outras aceitam por interesse e também porque eles tem dificuldades de pagar outros cursos, e aqui na associação é grátis. Então eu percebi que aceitam porque é grátis. Se fosse ao contrário ninguém viria aqui. São poucos os que tem interesse e paciência de vir aqui fazer o curso. A maioria vai embora cedo e faltam muito.

Pesquisadora: Qual é o sentimento de vocês agora que o curso acabou? Achem que as famílias saíram do curso com condições para se comunicar em LIBRAS?

Augusto: Essa é uma pergunta muito importante para responder. Durante todo o tempo do curso e até hoje eu percebi que teve uma falha dos professores por causa da metodologia que usamos. As famílias têm diferentes níveis da alfabetização... algumas sabem ler, outras não! Precisamos usar mais imagens. Também tem a troca de professores com diferentes materiais e diferentes modos de ensinar. Por exemplo, eu desenho, ela (Denise) usa LIBRAS direto, ele (Ailton) usa o português direto. A família ouvinte fica confusa, as vezes não consegue entender e pode desistir. É importante que todos os professores usem o mesmo método e material para todos. Por exemplo, tem o livro LIBRAS em Contexto do MEC, ele é padrão no Brasil. Se os professores usassem o mesmo livro não teria problema, mas isso não acontece, cada professor trabalha individualmente e eu percebi que isso é um problema aqui na associação. Quando eu vou embora não estou satisfeito pois falta conteúdo, isso é porque não tem troca sobre a metodologia entre os professores, só isso.

Denise: Concordo com o André, por exemplo, eu não posso dar aula direto, todo sábado porque tenho outros compromisso aí ele me substitui e vice-versa. Todos os professores fazem isso... Trabalhar como voluntário é difícil, precisa ter paciência.

Ailton: Também concordo com eles.

Pesquisadora; Houve alguma família que ingressou no curso com desinteresse e no decorrer do curso passou a se dedicar mais (por exemplo, não faltar)? Ou alguma família que ingressou no curso interessada e no decorrer do curso passou a desanimar (por exemplo, faltar excessivamente)?

Ailton: Os professores não desanimam, mas os alunos sempre, aí se os alunos estão desinteressados eu fico desanimado pra dar aula. Mas se as famílias tem interesse, curiosidade, fazem perguntas tem diálogo aí eu animo e consigo manter a ligação entre professor/aluno. Se a família tá mal e fico mal, mas se a família tá bem eu fico bem. Precisa ter uma ligação forte entre professor/aluno, isso é importante. Eu trabalho na UNAERP, lá tem dois grupos, um tem dificuldade e outra facilidade em se comunicar em LIBRAS eu percebi que o problema são as pessoas porque os que tem facilidade sempre me fazem perguntas e os outros não, por isso não conseguem. Lá também tem evasão de alunos mas eu continuo indo.

Augusto: Eu também, eu entrego papel para os alunos surdos entregarem para suas famílias virem até a associação participarem de palestras, teatros, festas e as famílias não vem. É igual no curso, elas ficam paradas, não tem vontade... o problemas são as famílias.

Denise: eu percebi que vem só duas famílias nos eventos da associação, o resto não vem, não tem compromisso.

Marina: Eu percebi que foi difícil no começo, porque as famílias ficavam cochichando entre si, demonstrando que não estavam entendendo e que estavam tendo dificuldades em acompanhar as aulas. Depois de dois meses de curso foram melhorando na comunicação. Um dia eu mudei a aula, colocando o diálogo em prática com eles, discutindo sobre a vida das pessoas surdas, discutindo sobre filmes, televisão, escola, vida em LIBRAS, etc. Três alunos compreendiam muito bem o diálogo, sem dificuldades mas os outros não. Precisavam de repetição e muita soletração para acompanhar. Um dia eu fiquei assustada ao descobrir que uma aluna era analfabeta, aí tive que mudar a estratégia da aula usando desenhos, mímicas,

brincadeiras... mas eu me senti mal porque acostumei com as famílias que sabem ler, com alunos que sabem ler nas faculdades que eu trabalho.

Augusto: Eu percebi, que no geral, 90% das pessoas sabem ler e escrever, pois eu dou aulas e vejo que os alunos tem dificuldades em LIBRAS, mas todos sabem ler e escrever.

Ailton: Quem não sabe ler e escrever?

Augusto: Eu percebo, quando vou aos lugares que 90% das pessoas sabem ler e escrever.

Ailton: Quem é formado com segundo grau completo precisa saber, mas pra quem tem qualquer formação daí pode ser analfabeto. Aqui na associação isso é livre.

Marina: Eu imaginei, como a mãe que não sabe ler e escrever tem comunicação escrita? Nesse caso, precisa usar mímica e outras estratégias né?!

Denise: O Mateus veio dar aula de LIBRAS substituindo a Mariana e passou um filme que se chama “Meu nome é Jonas”, o filme tem legenda porque o áudio é em inglês. A mãe que é analfabeta não prestava atenção no filme, ficava olhando para cima, para baixo, ia ao banheiro, roía as unhas, etc. As outras famílias estavam atentas, elogiaram e disseram que gostaram do filme e essa mãe não. Uma mãe que não sabe ler, este é o problema.

Pesquisadora: Alguma família chegou a relatar mudança no relacionamento com o filho surdo depois do início do curso? Cite exemplos.

Denise: Comigo sim! Uma mãe me falou que ficou feliz porque facilitou a comunicação. Por exemplo, o filho dela fazia um sinal que ela não conhecia, ela guardava o sinal para me perguntar aqui na aula, ela sempre fazia isso. Sempre tirei as dúvidas dela sobre sinais desconhecidos.

Augusto: Mas essa mesma mãe fazia essas perguntas no início do curso?

Denise: Não, ela não fazia nenhuma pergunta, mas depois começou a se interessar.

Marina: Só mesmo depois do curso houve melhora de comunicação entre ela e o filho?

Denise: Sim, só depois do curso que eles passaram a se comunicar mais e ela me procurou mais vezes dizendo que melhorou mesmo!

Marina: E as outras famílias, também?

Denise: Não, só essa.

Ailton: A mãe perguntava o que? Sinais?

Denise: Isso, vários sinais.

Augusto: Eles vem aqui e não me perguntam nada, não me procuram. Eu não sei como pais e filhos se comunicam, eu não vejo, eu não sei. Eu percebi que tem um que frequenta sempre a associação e ele tem dificuldade, mas mesmo assim se esforça para aprender. Eu fiquei observando de longe, depois da aula que filho surdo e pai ouvinte não se comunicam bem, e fiquei imaginando como seria a comunicação deles em casa...

Denise: Eu me lembro que uma mãe me perguntou o que era um sinal que o filho tinha feito em casa, que ela pensava ser o sinal de “morto” e ela ficou preocupada pensando onde o filho tinha visto um morto. Então, eu falei que não era sinal de morto e sim de cemitério, ela ficou aliviada porque pensou que era um morto de verdade! (Risos).

Augusto: Percebi que as famílias vem para o curso que começa as 15:00 horas, e quando acaba vão logo embora para casa, não ficam para aproveitar a convivência em LIBRAS. Somente um pai que fica muito tempo aqui na associação.

Denise: Somente mesmo! Fica aqui na associação observando, tem vontade.

Pesquisadora: Vocês acham que estas famílias deveriam continuar fazendo curso de LIBRAS?

Ailton: Precisam sim! Penso que é importante uma reunião dos professores junto com as famílias para mudança de metodologia, melhorar a aula, dar mais teoria também. Poie eles podem trocar ideias, dialogar e conversar para aprender e não somente ficar sentados aprendendo LIBRAS.

Denise: E todo o curso só usamos LIBRAS, muita prática, somente usando LIBRAS, sem trocar ideias. É bom trocar e expor sentimentos, expressões, olhar um para o outro. Por isso a teoria é importante.

Augusto: Penso que pro futuro é importante aula teórica, claro! Eu vejo em outros lugares que tem mais teoria do que prática é pouquíssima. Aqui, nós oferecemos mais prática e pouca teoria. As famílias desconhecem a teoria profunda, mas precisa teoria básica como cultura, INES. Precisamos ver se uma pessoa ouvinte que domina o assunto aceita vir dar aula teórica e receber declaração uma vez por mês. Nós temos material próprio para dar aula fora e não

devemos usar o mesmo aqui. Precisamos criar outros materiais para as famílias da associação. Nós precisamos fazer um plano de ensino de acordo com as necessidades das pessoas pensando também nas barreiras que existem na escola. Por exemplo, eu dou aula para crianças surdas e depois para suas famílias, se hoje passei o conteúdo da história da Branca de Neve para as crianças, preciso passar o mesmo conteúdo para as famílias em seguida. Isso é muito importante para a comunicação, o mesmo conteúdo. Porém, é difícil voluntário ouvinte para dar a teoria. Tem surdos voluntários dando aula prática de LIBRAS, mas quem é o ouvinte que vem dar aula teórica?

Augusto: Há um tempo atrás, trabalhei no banco e pensei que daria a mesma aula de costume para eles. Mas quando cheguei lá me deram uma apostila pronta com conteúdos diferentes e sinais próprios da área bancária. O mesmo aconteceu na UNAERP, na aula de medicina, me pediram para dar aula com sinais específicos da área da saúde. Eu precisei pesquisar e estudar para preparar material para a aula deles. E isso é importante, precisamos de diversos métodos, não adianta um método padrão.

Denise: Aqui na associação é livre mas na faculdade é diferente. A família não conhece muito bem o que é o surdo, cultura, comunidade surda, identidade, a família pensa que é igual ao ouvinte. Na faculdade os ouvintes estudam, se interessam e percebem que há diferença entre surdos e ouvintes. A família não sabe ler e deixa pra lá, só mima o filho. Se o filho vai andar de ônibus sozinho, por exemplo, a família não deixa e mima porque é deficiente... a maioria das famílias são assim.

Augusto: O problema é a educação, se a educação tiver sucesso as famílias acreditam... o problema principal é a educação.

Marina: Concordo com o André que o problema está na educação, pois a maioria das famílias não tem formação e estão acostumadas naturalmente, parece que não é importante, pensam que o futuro dos filhos vai ser igual ao dos pais. O pai não estudou então não se preocupa em incentivar e melhorar a vida do filho, só faz mimos e superprotege.

Augusto: Eu percebi uma família aqui que tem três irmãos, sendo dois ouvintes e um surdo. Para tudo que precisam de autorização dos pais, sempre autorizam os ouvintes e nunca o surdo, mesmo sendo os ouvintes mais novos e o surdo o mais velho. Precisamos de mais palestras aqui, mostrando informações sobre o surdo, mas a família demora para aceitar o filho surdo. Se a educação mudar a família muda também. Mas a educação continua igual.

Marina: Eu conversei com o presidente da associação sobre o orçamento da verba para organizar melhor o curso no ano que vem. Poder oferecer excursões de turismo, passeios com filhos surdos e família ouvinte juntos. Poder ir a um museu, parque, bosque, supermercado, teatro, circo entre outros, para que eles possam aprender sinais em contexto com o lugar, a vida no dia-a-dia e assim tentar estratégias para melhorar a comunicação entre eles. Promover um trabalho em conjunto com professores, famílias e filhos surdos, o que vocês acham?

Denise: Muito bom !

Augusto: Acontece muito isso em São Paulo, nas principais escolas de surdos, eles fazem isso uma vez por mês, pois os surdos precisam do recurso visual, mas só surdos não, os ouvintes precisam estar juntos. Acho uma boa ideia!

Marina: Percebi que muitas famílias são presas em casas, nunca viajam, não levam os filhos para passear, não tem dinheiro, não tem carro, é difícil pegar ônibus, não conhecem o shopping, não conhecem nenhum lugar. Nós precisamos incentivar as famílias a irem aos lugares junto com os filhos surdos, para conhecer o visual e não somente vir aqui no curso. É importante o uso da LIBRAS em comunicação com contexto.

Augusto: Passear em outros lugares, muito bom isso! Precisa projetar no plano da verba de 2013. Muito legal!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. A. A criança deficiente e a aceitação da família. Rio de Janeiro: Nova Era, 1993.

CAPORALI, S. A.; LACERDA, C. B. de; MARQUES, P. L. Ensino de Língua de Sinais a familiares de surdos: enfocando a aprendizagem. Pró-fono Revista de Atualização Científica, Barueri, v. 17, 2005. P. 1-18.

DIZEU, L. C. T. B.; CAPORALI, S. A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. Campinas, v.26, p. 583-597, 2005.

GESSER, A. LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 87 p.

GESUELI, Z. M. Língua(gem) e Identidade: A surdez em questão. Campinas, v. 27, 2006. P. 277-292.

LACERDA, C. B. de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. Cedes, Campinas, v. 26, 2006. p. 163-184.

LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. de. Uma escola duas línguas. Editora Mediação, 3ª Ed. 2009. 160 p.

NEGRELLI, M. E. D.; MARCON, S. S. Família e criança surda. Ciência, Cuidado e Saúde, Maringá, v. 5, 2006. P. 98-107.

STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis. Editora UFSC. 2008.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. Editora Atlas, 5ª Ed.1999. P. 117-138.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. da. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. Paidéia, p. 22-24, 2007.

SILVA, A. B. P. de; ZANOLLI, M. L. de; PEREIRA, M. C. C. da. Surdez: relato de mães frente ao diagnóstico. Estudos de psicologia, p. 176, 2008.

SEGALA, R. R. Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais. Dissertação de Mestrado-UFSC, Florianópolis/Trindade, 2010.

QUADROS, E. C. de. O ambiente familiar e as condições de acesso das crianças surdas à língua de sinais. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Especial Infantil e Fundamental)–Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2000.

MELHORAMENTOS: Minidicionário da Língua Portuguesa. 1ª Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1992.

SITE: <http://www.significados.com.br/cultura/> - acessado em: 07/08/2012.

LACERDA, C. B. de.; CAPORALI, S. A; LODI, A. C. Questões preliminares sobre o ensino de língua de sinais: reflexões sobre a prática. Distúrbios da comunicação, p. 53-63. São Paulo - Abril, 2004.